

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) DAVID PEIXOTO MANHÃES JUNIOR

CONCEITOS DE EMPREGO DOS FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA:  
Competição entre demandas clássicas e emergentes de 1991 a 2023.

Rio de Janeiro

2023

CC (FN) DAVID PEIXOTO MANHÃES JUNIOR

CONCEITOS DE EMPREGO DOS FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA:  
Competição entre demandas clássicas e emergentes de 1991 a 2023.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Marques Silva.

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2023

## DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

**ASSINATURA PELO GOV.BR  
(LOCAL DA CHANCELA)**

## AGRADECIMENTOS

Ao Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, por ter colocado sempre as pessoas certas no meu caminho e pela dádiva da vida que presenteia a cada dia.

À minha esposa, Camila, e aos meus filhos, João e Pedro, pelo apoio incondicional e pela inspiração que me dão para almejar sempre o melhor. Vós sois a luz da minha vida.

Aos meus pais, David e Amorosa, pela educação que me ofereceram e pelo exemplo que até hoje me servem de guia.

Ao meu orientador, o Capitão de Fragata Marques Silva, pelas recomendações, sugestões e desafios que me fizeram ir cada vez mais fundo nesta pesquisa.

Ao Capitão de Fragata (RM1) Nagashima, instrutor da disciplina de metodologia científica, pelos ensinamentos passados e por me fazer acreditar que o melhor da pesquisa não é a conclusão, mas o processo.

À Professora Ana Carolina Negrete, amiga de longa data, pelas recomendações que tanto valor agregaram a este trabalho.

Ao Capitão de Mar e Guerra (FN) Valentini, meu Comandante em diferentes ocasiões, pelas conversas inspiradoras e orientações seguras que carrego para a minha carreira.

Ao Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN) Emílio e ao Capitão de Fragata (FN) Vital, por facilitarem o acesso a materiais de pesquisa sem os quais este trabalho não teria a mesma qualidade.

Aos muitos amigos e familiares que, ao longo de toda essa trajetória, torceram por mim e nunca permitiram que eu esmorecesse.

Aos meus companheiros Fuzileiros Navais da turma de Guardas-Marinha de 2006 da Escola Naval, pela amizade e pela confiança que em mim depositam ao me permitirem representá-los como Chefe de Classe.

## RESUMO

Em 1991, com o término da Guerra Fria, o sistema internacional passou de uma ordem multipolar para outra, onde os Estados Unidos da América (EUA) figuravam como a única potência hegemônica. Desde então, o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (USMC) tem sido empregado em face de diferentes ameaças aos interesses estadunidenses. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo averiguar a evolução dos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA, em operações anfíbias e expedicionárias, em face às ameaças percebidas no nível político-estratégico, no período de 1991 a 2023. Para atingir esse propósito, foi utilizada uma abordagem genealógica, com a busca de evidências em documentos de alto nível do Governo dos EUA para a identificação das ameaças percebidas e dos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais ao longo do período. Como referencial teórico do estudo, foi adotado um conceito de revolução em assuntos militares que congrega inovações tecnológicas, desenvolvimento doutrinário e organização da força. A partir dessa análise, foi possível identificar três períodos distintos, tanto em relação à percepção de ameaças quanto ao desenvolvimento de novos conceitos. Em uma primeira avaliação, notou-se um descompasso entre a natureza da ameaça percebida em cada período e a correspondente resposta conceitual do USMC. Nesse sentido, as incorporações de novas tecnologias não foram acompanhadas de mudança na organização da força ou de seu conceito de emprego. Contudo, numa perspectiva mais abrangente dos três períodos, foi possível perceber que o USMC manteve, ao longo de todo o período estudado, um eixo central no que diz respeito aos seus conceitos de emprego. Foi constatado que o USMC nunca abandonou por completo suas tarefas típicas de força anfíbia, ainda que as ameaças enfrentadas não exigissem essa capacidade. Diante dessa percepção, foi possível concluir que esse conservadorismo doutrinário contribuiu para que o USMC mantivesse a flexibilidade e a versatilidade necessárias ao seu emprego diante de uma ampla variedade de ameaças.

**Palavras-chave:** Revolução em assuntos militares. Tecnologias emergentes e disruptivas. Percepção de ameaças. Conceito de emprego de Fuzileiros Navais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Representação Conceitual de uma EABO.....	55
FIGURA 2 – Representação Conceitual de uma Área de Operações Litorânea .....	55
FIGURA 3 – Organização por Tarefas de um MLR .....	56
FIGURA 4 – Organização por Tarefas de um LCT.....	56
FIGURA 5 – Movimento Navio-Para-Terra e Manobra Navio-Para-Objetivo .....	57
FIGURA 6 – Composição de um MAGTF .....	57
FIGURA 7 – Representação Conceitual de uma OMFTS .....	58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A2/AD	<i>Anti-Access/ Area Denial</i> (Anti-acesso e Negação de Área)
DMO	<i>Distributed Maritime Operations</i> (Operações Marítimas Distribuídas)
DoD	<i>Department of Defense</i> (Departamento de Defesa dos EUA)
DoN	<i>Department of the Navy</i> (Departamento da Marinha dos EUA)
EAB	<i>Expeditionary Advanced Base</i> (Base Avançada Expedicionária)
EABO	<i>Expeditionary Advanced Base Operations</i> (Operações Expedicionárias de Base Avançada)
EUA	Estados Unidos da América
Ex-URSS	ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
JCS	<i>Joint Chiefs of Staff</i> (Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos EUA)
LCM	Linha de Comunicação Marítima
LCT	<i>Littoral Combat Team</i> (Grupamento de Desembarque de Litoral)
LOCE	<i>Littoral Operations in a Contested Environment</i> (Operações Litorâneas em um Ambiente Contestado)
MAGTF	<i>Marine Air-Ground Task Force</i> (Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais dos EUA)
MLR	<i>Marine Littoral Regiment</i> (Regimento Litorâneo de Fuzileiros Navais dos EUA)
NDS`	<i>National Defense Strategy</i> (Estratégia de Defesa Nacional dos EUA)
NMS	<i>Nationnal Military Strategy</i> (Estratégia Militar Nacional dos EUA)
NSS	<i>National Security Strategy</i> (Estratégia de Segurança Nacional dos EUA)
OMFTS	<i>Operational Maneuver From The Sea</i> (Manobra Operacional a Partir do Mar)
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RMA	<i>Revolution in Military Affairs</i> (Revolução em Assuntos Militares)
SC-MAGTF	<i>Security Cooperation-Capable Marine Air-Ground Task Force</i> (Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais dos EUA capacitado em Cooperação de Segurança)
STOM	Shitp-to-Objective Maneuver (Manobra do Navio Para o Objetivo)
USMC	<i>United States Marine Corps</i> (Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA)
USN	<i>United States Navy</i> (Marinha dos EUA)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS E O REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>11</b>
2.1	REVOLUÇÕES EM ASSUNTOS MILIARES .....	12
2.2	EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS PELOS EUA.....	14
2.3	ESTRATÉGIA DE ANTI-ACESSO E DE NEGAÇÃO DE ÁREA.....	17
2.4	TECNOLOGIAS EMERGENTES .....	18
2.5	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	20
<b>3</b>	<b>EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE EMPREGO DE FUZILEIROS NAVAIS</b> .....	<b>22</b>
3.1	O FIM DO SÉCULO XX: 1991 A 2000 .....	23
3.2	O COMEÇO DO SÉCULO XXI: 2001 A 2014 .....	24
3.3	A SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA: 2015 A 2023 .....	27
3.4	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	31
<b>4</b>	<b>EMPREGO DE FUZILEIROS NAVAIS EM FACE DAS AMEAÇAS PERCEBIDAS</b> .....	<b>33</b>
4.1	INOVAÇÕES ASSÍNCRONAS: 1991 A 2000 .....	33
4.2	IMOBILISMO DOUTRINÁRIO: 2001 A 2014 .....	34
4.3	COMPETIÇÃO PELO ACESSO: 2015 A 2023.....	36
4.4	OS TRÊS PERÍODOS EM PERSPECTIVA .....	38
4.5	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	39
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
	<b>ANEXO A – FIGURAS</b> .....	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1991, a história mundial foi marcada pela extinção da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) (1922-1991), o que representou o fim do período conhecido como Guerra Fria<sup>1</sup> (1947-1991). Por conseguinte, a bipolaridade, que marcara o Sistema Internacional por mais de quatro décadas, deu lugar à unipolaridade, com os Estados Unidos da América (EUA) assumindo a posição de potência hegemônica.

Simultaneamente, ainda em 1991, chegou ao fim a 1ª Guerra do Golfo<sup>2</sup> (1990-1991). Esse evento atestou a superioridade tecnológico-militar das forças armadas dos EUA em relação às da República do Iraque, consolidando a liderança global estadunidense.

No entanto, a supremacia militar dos EUA não foi suficiente para proteger seu território de ameaças. Em 11 de setembro de 2001, ataques direcionados às cidades de Nova Iorque e Washington revelaram a existência de outras formas de ameaça. Assim sendo, os EUA deram início a uma Guerra Global ao Terror<sup>3</sup> (2001-), levando suas forças armadas ao Iraque e ao Afeganistão, onde permaneceram em ações de combate até 2011 e 2014, respectivamente.

Nesse ínterim, surgiram tecnologias com potencial para emprego militar, capazes de ameaçar a longa vantagem estadunidense. Diante desses desafios, os EUA passaram a necessitar competir pelo acesso em regiões onde antes detinham liberdade de movimento e ação<sup>4</sup>.

Os fatos narrados acima influenciaram a maneira como as ameaças eram percebidas pelo nível político-estratégico dos EUA. Como resultado dessa percepção, suas forças armadas desenvolveram suas doutrinas e organizações, para se manterem prontas ao chamado do dever.

---

<sup>1</sup> Rivalidade que se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) entre os EUA e a ex-URSS e seus respectivos aliados. O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor inglês George Orwell, em seu artigo *You and the Atom Bomb*, publicado em 1945 (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2023a).

<sup>2</sup> Primeira grande crise internacional da era pós-Guerra Fria, desencadeada pela invasão do Estado do Kuwait pela República do Iraque, em 2 de agosto de 1990 (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2023b).

<sup>3</sup> Campanha militar internacional liderada pelos EUA lançada após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 (GEORGE W. BUSH PRESIDENTIAL LIBRARY, 2011).

<sup>4</sup> Liberdade de ação corresponde à “capacidade de executar ações estratégicas, na busca da concretização de interesses ou objetivos nacionais, com o mínimo possível de restrições de Estados, organismos ou opinião pública, internacional ou nacional” (BRASIL, 2015, p. 155).

Dado o exposto, o propósito desta pesquisa consiste em averiguar a evolução dos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA em operações anfíbias e expedicionárias, em face das ameaças percebidas no nível político-estratégico, no período de 1991 a 2023, à luz do conceito de revolução em assuntos militares<sup>5</sup>. Para tanto, esta pesquisa adotará uma abordagem genealógica, coletando evidências em documentos de alto nível do Governo dos EUA e em publicações doutrinárias de suas forças armadas, além de outras obras complementares.

É importante destacar que uma limitação desta pesquisa é a indisponibilidade de alguns documentos de alto nível do governo estadunidense, que são de acesso restrito. Quando esse for o caso, será consultada uma versão de acesso público desses documentos.

Para alcançar o propósito da pesquisa, foi formulada a seguinte questão: como ocorreram as transformações nos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA, em operações anfíbias e expedicionárias, entre 1991 e 2023, em face das ameaças percebidas no nível político-estratégico?

Ademais, foram formuladas duas questões de apoio: as mudanças nos conceitos de emprego ocorreram antes ou depois das alterações na percepção das ameaças? A atualização dos conceitos foi reativa ou proativa em relação ao desenvolvimento tecnológico? Não foram formuladas hipóteses a serem confirmadas ou refutadas.

A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para uma compreensão mais aprofundada sobre o ritmo de desenvolvimento da doutrina militar, particularmente em um ambiente marcado por constantes mudanças na percepção de ameaças.

A pesquisa será dividida em cinco capítulos. Após a corrente introdução, o segundo capítulo apresentará as diferentes ameaças percebidas no nível político-estratégico do Governo dos EUA. Adicionalmente, será definido o conceito de revolução em assuntos militares adotado como referencial teórico nesta pesquisa. Por fim, será apresentado um conceito de Estratégia Anti-Acesso/Negação de Área e alguns exemplos de tecnologias emergentes e disruptivas utilizadas nesse contexto.

No terceiro capítulo, serão apresentados os conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA desenvolvidos durante o período em análise. Ressalta-se que não serão discutidas evoluções nos equipamentos e nas tecnologias empregadas.

---

<sup>5</sup> Esse conceito será definido no próximo capítulo.

No quarto capítulo, as evidências recolhidas nos capítulos 2 e 3 serão contrastadas. Isso permitirá responder como os conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA evoluíram em face das ameaças percebidas no nível político-estratégico, no recorte temporal considerado.

Por fim, no quinto e último capítulo, serão apresentadas as conclusões finais deste pesquisador, contendo implicações consideradas relevantes para a Marinha do Brasil, bem como sugestões de temas para futuras pesquisas.

## 2 PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS E O REFERENCIAL TEÓRICO

Os interesses de um Estado estão sujeitos a ameaças de variadas naturezas. Nesse sentido, entende-se por ameaça:

qualquer conjunção de atores, entidades ou forças com intenção e capacidade de, explorando deficiências e vulnerabilidades, realizar ação hostil contra o país e seus interesses nacionais, com possibilidades de causar danos ou comprometer a sociedade nacional (a população e seus valores materiais e culturais) e seu patrimônio (território, instalações, áreas sob jurisdição nacional e o conjunto das informações de seu interesse) (BRASIL, 2015, p. 27).

Dentre essas, a ameaça representada por uma força oponente merece atenção especial (LIWÅNG *et al.*, 2014). Essa força adversa empregará, ou ameaçará empregar, todos os recursos disponíveis para a consecução de seus objetivos, causando impactos negativos nos objetivos de seu opositor (BANG; LIWÅNG, 2016). Dessa forma, os meios disponíveis à força opositora, e a maneira como essa os emprega, afetarão diretamente a percepção da ameaça que representam.

Em diferentes segmentos da sociedade, e não somente na esfera militar, observa-se um contínuo desenvolvimento tecnológico. Inúmeras áreas do conhecimento, como tecnologias baseadas em inteligência artificial e em equipamentos autônomos<sup>6</sup>, têm o potencial de afetar a forma como as operações militares serão conduzidas no futuro (HORNUNG *et al.*, 2021). Surgem, então, novos desafios, novas ameaças, que exigem das forças de todos os Estados um esforço constante de reorganização e adaptação.

Nesse sentido, o termo "novas ameaças" não deve ser entendido como um conjunto pré-definido de elementos que oferecem algum tipo de risco. Como as ameaças se relacionam diretamente aos interesses de um determinado Estado, então é natural que cada Estado perceba um conjunto diferente de ameaças.

Adicionalmente, em função da evolução dos meios e métodos disponíveis a diferentes atores, estatais e não-estatais, percebe-se que as ameaças podem se apresentar de formas

---

<sup>6</sup> "Veículo aéreo, terrestre ou marítimo que é pilotado remotamente ou dotado de navegação autônoma" (BRASIL, 2015, p. 95)

diferentes ao longo de um período. Dessa forma, o termo "novas ameaças", neste trabalho, se refere ao conjunto de fatores que, em dado momento, eram assim percebidos.

Ante o exposto, este capítulo visa a compreender a evolução da percepção de ameaças, no nível político-estratégico, pelos EUA, no recorte temporal entre 1991 e 2023. Para tal, realizou-se uma revisão das Estratégias de Segurança Nacional<sup>7</sup> (NSS), Estratégias de Defesa Nacional<sup>8</sup> (NDS) e Estratégias Militar Nacional<sup>9</sup> (NMS) publicadas no período considerado.

A fim de permitir a compreensão do contexto no qual ocorreu a evolução da percepção das ameaças pelo Governo estadunidense, utilizou-se, como referencial teórico, o conceito de revolução em assuntos militares<sup>10</sup> (RMA). Ademais, com o propósito de esclarecer como essas ameaças são percebidas atualmente, serão apresentados os conceitos de Estratégia Anti-Acesso/Negação de Área<sup>11</sup> (A2/AD) e alguns exemplos de tecnologias emergentes aplicadas nesse contexto.

A continuação, será apresentado o referencial teórico desta pesquisa.

## 2.1 REVOLUÇÕES EM ASSUNTOS MILIARES

A expressão revolução em assuntos militares foi inicialmente concebida como revolução tecnológico-militar por teóricos militares da ex-URSS na década de 1970 (MARTYANOV, 2019, p. 69). No momento de sua emergência, o termo se referia a inovações científico-tecnológicas que causavam mudanças radicais nos métodos e meios de condução

<sup>7</sup> Em inglês, *National Security Strategy* – NSS. A NSS é publicada pelo chefe do Poder Executivo. Ela contém as principais preocupações de segurança nacional dos EUA e como a administração planeja abordá-las utilizando todos os instrumentos de poder nacional (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2020, p. xvi).

<sup>8</sup> Em inglês, *National Defense Strategy* – NDS. A NDS é publicada pelo Secretário de Defesa e apresenta a estratégia do Departamento de Defesa dos EUA (DoD) para implementar a NSS (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2020, p. xvii).

<sup>9</sup> Em inglês, *National Military Strategy* – NMS. A NMS, publicada pelo Chefe do Estado-Maior Conjunto, apoia os objetivos da NSS e implementa a NDS. O documento provê foco para as atividades militares, definindo um conjunto de objetivos militares inter-relacionados e conceitos de operação conjuntos. Conteúdos específicos da NMS incluem o ambiente estratégico, ameaças, objetivos militares, meios para alcançar esses objetivos e recursos necessários (ARMY WAR COLLEGE, 2023).

<sup>10</sup> Em inglês, *Revolution in Military Affairs* – RMA.

<sup>11</sup> Em inglês, *Anti-access/Area denial* – A2/AD.

da guerra (ADAMSKY, 2008, p. 263). Apenas a partir de 1991, após a Guerra do Golfo, o termo passou a ser adotado nos EUA, onde se popularizou (CUOCO, 2010, p. 11).

Apesar de sua popularização, não existe um consenso quanto à sua definição (METZ; KIEVIT, 1994, p. 15). No entanto, é possível identificar alguns traços comuns nas definições apresentadas por diferentes autores, como será visto a seguir.

De maneira incisiva, Cooper (1994, p. 13) afirma que o que distingue uma RMA é a introdução de uma nova tecnologia. Em contraste, Marshall argumenta que uma RMA é caracterizada não só pela aplicação de novas tecnologias, mas pela combinação destas com mudanças na doutrina militar, nos conceitos operacionais e nas organizações, provocando uma grande transformação no caráter e na forma como são conduzidas as operações militares (GONGORA; VON RIEKHOFF, 2000, p. 1).

De maneira análoga, Fitzsimonds e van Tol (1994, p. 25-26) e Bédar (2001, p. 28) afirmam que avanços tecnológicos são requisitos para a ocorrência de uma RMA, acrescentando que a inovação doutrinária, ou operacional, e a adaptação organizacional também devem fazer parte desse processo. Da mesma forma, Krepinevich (1994, p. 30) aduz que uma revolução em assuntos militares ocorre quando a aplicação de novas tecnologias se combina a conceitos operacionais inovadores, de uma forma que altera fundamentalmente o caráter e a condução do conflito.

Destaca-se que há autores que divergem quanto à importância que deve ser atribuída às inovações tecnológicas na transformação do espaço de batalha. Para Costa (2014, p. 71), os principais elementos que caracterizam uma RMA, além da questão tecnológica, são a interação entre civis e militares e a mudança das missões de combate convencional para missões de baixa intensidade, sobretudo aquelas sob os auspícios de organismos internacionais. Portanto, o aspecto mais significativo das transformações de uma RMA está no tipo das operações realizadas, não na tecnologia envolvida.

Em contraste com as definições supracitadas, que atribuem relevância, em maior ou menor grau, aos impactos transformadores de novas tecnologias, outros autores desconsideram a influência do aspecto tecnológico.

Rogers (2000, p. 22) argumenta que uma RMA representa uma mudança revolucionária na forma como a guerra é travada, mas não necessariamente nos meios utilizados em combate. Por sua vez, Gray (2002, p. 4) assevera que uma RMA é uma mudança

radical no caráter ou na conduta da guerra, sem enfatizar a possível contribuição de novas tecnologias para essa transformação.

Para alguns especialistas, a Guerra do Golfo (1990-1991) marcou o início da RMA atualmente em curso (GUPTA, 1998). Naquela ocasião, por meio do uso de tecnologias de comunicação, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos, os EUA e seus aliados conseguiram multiplicar seu poder de combate, enquanto degradavam o dos iraquianos (JOSHI, 2008, p. 1750).

O conflito também foi palco do emprego de armas sofisticadas, como munições guiadas com precisão, facilitado pela integração de sistemas de comando e controle aéreos e veículos aéreos não tripulados (OWENS; OFFLEY, 2000, p. 103). Assim, verifica-se que foi a combinação desses recursos, e não cada um deles individualmente, que causou um impacto transformador na condução da guerra.

Diante da diversidade de definições sobre o tema, nesta pesquisa será adotada uma definição de RMA que congrega os fatores inovação tecnológica, evolução doutrinária e adaptação organizacional. Esse será o referencial teórico utilizado para compreender o contexto em que se deu a evolução da percepção das ameaças pelo Governo estadunidense e dos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais, a partir de 1991.

## 2.2 EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS PELOS EUA

À correta compreensão do início do período estudado, se faz necessário retroceder um pouco no tempo, até 1988. Naquele ano, um estudo realizado pelo Departamento de Defesa dos EUA (DoD) previu que as décadas subsequentes testemunhariam desenvolvimentos significativos em tecnologia militar. Como resultado, concluiu o estudo, seriam necessárias revisões profundas na doutrina e na organização de suas forças (ILKE; WOHLSTETTER, 1988, p. 8). Essa recomendação se alinha à definição de RMA adotada nesta pesquisa.

O estudo também antecipou a integração de tecnologias *stealth*<sup>12</sup> com armas de alta precisão e meios aprimorados de localização de alvos. Essa combinação poderia impedir a

---

<sup>12</sup> Qualquer tecnologia militar destinada a tornar veículos ou mísseis quase invisíveis ao radar inimigo ou outra detecção eletrônica (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2019).

aproximação de forças atacantes, mesmo a grandes distâncias da área de um objetivo (ILKE; WOHLSTETTER, 1988, p. 8 e 10). Isto é, alertava para uma futura deterioração da liberdade de acesso dos EUA a áreas de seu interesse.

Naquele contexto, a Estratégia de Segurança Nacional de 1988 (NSS-1988) apontava a ex-URSS como a maior ameaça aos interesses estadunidenses (REAGAN, 1988, p. 5).

Com o fim da Guerra Fria, os EUA reorientaram seu foco estratégico. Ainda em 1990, a Guerra do Golfo revelou a existência de outras fontes de instabilidade no mundo. Assim, a publicação da NSS-1991 reconheceu que os futuros adversários poderiam ser atores não estatais e que o espectro de ameaças era mais amplo e ambíguo. Destacou-se, como novas ameaças, o narcotráfico, o terrorismo e a proliferação de armas avançadas (BUSH, 1991, p. 1 e 16).

De maneira ainda mais enfática, a NSS-1991 especificou que as crises regionais seriam a ameaça militar predominante no futuro e que, por isso, deveriam ser o principal determinante do tamanho e da estrutura das forças (BUSH, 1991, p. 28).

Em decorrência da NSS-1991, em 1992 foi publicada uma nova Estratégia Militar Nacional (NMS). O traço distintivo da NMS-1992 foi a valorização de ameaças regionais em detrimento de confrontos globais. Igualmente, reconheceu a dependência dos EUA de sua superioridade tecnológica como meio de compensar possíveis desvantagens quantitativas e de minimizar o risco para suas forças (POWELL, 1992, p. 10 e 26).

A partir de 1994, com a publicação da NSS-1994, os EUA reconheceram a existência de novas ameaças de natureza não militar. Fenômenos transnacionais como o narcotráfico, a degradação ambiental, o rápido crescimento populacional e fluxos de refugiados também foram considerados como questões de segurança para a política estadunidense de longo prazo. No entanto, o terrorismo foi visto como a ameaça particularmente mais perigosa e que deveria ser combatida (CLINTON, 1994, p. 1 e 8).

A NMS-1995 tornou mais clara a maneira como os EUA interpretavam o cenário estratégico em que estavam inseridos. Este era caracterizado por quatro ameaças principais: instabilidade regional, proliferação de armas de destruição em massa, ameaças transnacionais, tais como o narcotráfico e o terrorismo, e a restauração da democracia na ex-URSS e na Europa Oriental (SHALIKASHVILI, 1995, p. i).

Anos mais tarde, a NMS-1997 acrescentou os desafios assimétricos<sup>13</sup> ao rol de ameaças enfrentadas pelos EUA. Além disso, ressaltou que os EUA não voltariam a ser confrontados por uma potência hostil de força e capacidade semelhantes e que se manteriam como uma potência global hegemônica a curto prazo (SHALIKASHVILI, 1997, p. 1, 8 e 30).

Após os ataques sofridos pelos EUA em 11 de setembro de 2001, o tom da ameaça terrorista se intensificou. Com a publicação da NSS-2002, a maior ameaça percebida pelos EUA passou a ser a combinação do radicalismo religioso com o acesso a tecnologias emergentes por grupos radicais (BUSH, 2002). Esta percepção foi mantida durante toda a década, como evidenciado pela Estratégia de Defesa Nacional (NDS-2008), que previa uma luta global contra uma ideologia extremista violenta (GATES, 2008, p. 2).

Ainda a respeito da NDS-2008, ressalta-se sua previsão de que a República Popular da China (China) continuaria a expandir suas capacidades militares convencionais, com ênfase em recursos A2/AD (GATES, 2008, p. 3). Esta previsão foi atualizada em 2012, atribuindo à China o *status* de uma potência regional com capacidade de afetar a economia e a segurança dos EUA (PANETTA, 2012, p. 2).

No entanto, até meados da década de 2010, o principal risco estratégico percebido pelos EUA era sofrer um ataque catastrófico em seu território (OBAMA, 2015, p. 2). Somente a partir de 2015, após o término da Guerra no Afeganistão<sup>14</sup> (2001-2014), a avaliação do risco estratégico começou a mudar. A NMS-2015 expressou a preocupação do Governo dos EUA em relação à sua liberdade de ação, que poderia ser contestada pelo uso de armas de alta precisão, equipamentos autônomos e recursos cibernéticos (DEMPSEY, 2015, p. 3).

Assim, em 2018, a competição estratégica com uma grande potência voltou a ser o desafio de segurança de maior relevância. Após décadas desfrutando de uma superioridade militar, a NDS-2018 reconheceu que os EUA passaram a enfrentar contestações em todos os domínios – ar, terra, mar, espaço e ciberespaço (MATTIS, 2018, p. 2 e 3).

Nesse sentido, a NSS-2021 indicou a China como a única concorrente capaz de ameaçar os EUA em termos de poder econômico, diplomático, militar e tecnológico. Em relação à

---

<sup>13</sup> Esses desafios se referem ao recurso, por parte de atores estatais ou não estatais, a meios assimétricos. Esses meios incluem abordagens não convencionais que contornam os pontos fortes e exploram as vulnerabilidades de um opositor (SHALIKASHVILI, 1997, p. 9).

<sup>14</sup> O USMC esteve empregado na Guerra no Afeganistão entre 2001 e 2014 (KUMMER, 2014, p. 371) (WESTERMEYER; BLAKER, 2017, p. 264). Após o encerramento formal das ações de combate, em dezembro de 2014, mantiveram militares apoiando o treinamento de tropas afegãs até 2021 (WITTE, 2023).

Federação Russa (Rússia), a NSS-2022 reconhece sua ameaça ao sistema internacional, manifesta no conflito com a Ucrânia, mas não a considera no mesmo patamar que a China (BIDEN JR., 2022, p. 7-8).

Por fim, a NDS-2022 destaca como a China vem utilizando tecnologias emergentes e disruptivas para realizar atividades na zona cinzenta<sup>15</sup> e implementar uma estratégia A2/AD no Mar do Sul da China (AUSTIN, 2022), como será discutido na próxima seção.

### 2.3 ESTRATÉGIA DE ANTI-ACESSO E DE NEGAÇÃO DE ÁREA

Anti-acesso e negação de área (A2/AD) referem-se a estratégias focadas em impedir que um adversário acesse ou opere com liberdade de ação em uma região de interesse com forças militares (TANGREDI, 2013, p. 11).

Essa concepção estratégica de defesa em camadas emprega diversos meios e métodos para monitorar, acompanhar, controlar e engajar alvos a curtas e longas distâncias dentro de uma área de interesse (UNITED STATES, 2012a, p. 9-10). Como resultado, as estratégias A2/AD podem ser consideradas desafios estratégicos internacionais, pois limitam a capacidade dos Estados em defender seus interesses em uma determinada região.

As características e os requisitos específicos para a implementação de uma estratégia A2/AD vão além do escopo deste trabalho. Entretanto, vale mencionar que algumas das capacidades utilizadas envolvem tecnologias avançadas (UNITED STATES, 2012a, p. 9), como será observado nos exemplos a seguir.

Em 2015, durante a intervenção militar russa na República Árabe da Síria (Síria), a Rússia posicionou mísseis antiaéreos, antinavio e superfície-superfície de longo alcance na Península de Kola, no enclave de Kaliningrado, na Crimeia e, até certo ponto, na própria Síria. Este sistema defensivo russo poderia negar às forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) o uso de áreas marítimas e terrestres ao seu redor (FRÜHLING; LASCONJARIAS, 2016, p. 96).

---

<sup>15</sup> Abordagens coercitivas situadas abaixo do limite percebido como um ato de guerra ou que recomende uma ação militar por parte do Estado alvo (AUSTIN, 2022).

Um segundo exemplo é o caso chinês. O recente desenvolvimento de mísseis balísticos antinavio, combinados com sistemas de inteligência, vigilância e reconhecimento de longo alcance, incluindo radares, veículos autônomos e satélites, indica que a China está constituindo um complexo sistema A2/AD (FRÜHLING; LASCONJARIAS, 2016, p. 98).

Acredita-se que as capacidades A2/AD chinesas sejam, até o momento, as mais robustas, especialmente dentro da Primeira Cadeia de Ilhas<sup>16</sup>, no Mar do Sul da China e, em menor escala, no Mar das Filipinas. Essa avaliação é baseada em três eixos: capacidade de realizar ataques precisos de longo alcance, apoiados por informações de inteligência, vigilância e reconhecimento; sistemas integrados de defesa aérea; e armas hipersônicas (UNITED STATES, 2022, p. VIII).

Para corroborar tal avaliação, a Estratégia Militar Chinesa, publicada em 2015, revela a intenção de exploração e utilização mais eficiente dos recursos de informação, fortalecendo a construção de sistemas de reconhecimento, de alerta antecipado e de comando e controle (CHINA, 2015). Na próxima seção, serão apresentados alguns exemplos de tecnologias empregadas no contexto de uma estratégia A2/AD.

## 2.4 TECNOLOGIAS EMERGENTES

Ao longo de sua história, a humanidade observou a evolução dos meios e métodos de guerra. Essa evolução foi possível, ao menos em parte, graças ao desenvolvimento tecnológico. Como resultado, em alguns casos, o emprego efetivo de uma nova tecnologia militar foi capaz de alterar o equilíbrio de poder entre dois opositores, mesmo que apenas temporariamente (ROSSITER, 2020).

De fato, quando avaliadas as relações de poder entre os Estados na era da informação<sup>17</sup>, a importância de tecnologia, educação e flexibilidade industrial tem ganhado cada vez mais relevância (NYE JR.; OWENS, 1996, p. 22). Nesse sentido, recentes avanços

---

<sup>16</sup> Conjunto de ilhas que se estende por toda a costa leste chinesa, concentrando-se principalmente nas ilhas japonesas, Ryukyus, Taiwan e Filipinas (YOSHIHARA, 2012, p. 294).

<sup>17</sup> Período iniciado com o século 21, caracterizado pela busca do controle da informação, possibilitada pelo desenvolvimento das mídias eletrônicas e dos meios de tratamento de dados, marcada por maior especialização e maior diversidade de forças e atores (NOFI, 2006, p. 12).

tecnológicos exigem, cada vez mais, que as operações militares sejam conduzidas pela combinação de armas com diferentes capacidades (LAMBETH, 2008, p. 72). Essa relação evidencia que, por mais sofisticado que seja determinado recurso tecnológico, os efeitos mais significativos serão atingidos apenas pela combinação desses recursos.

Dentre as diferentes tecnologias com uso militar, existem aquelas com maior potencial disruptivo<sup>18</sup>. Isto é, aquelas que representam uma ameaça à estabilidade estratégica internacional (HM GOVERNMENT, 2021, p. 76), pela capacidade de acentuar “assimetrias na área da Defesa, influenciando o equilíbrio de poder regional e mundial” (BRASIL, 2020, p. 18).

A OTAN (2021, p. 2), por exemplo, na sua Agenda para 2023, definiu sete áreas tecnológicas prioritárias, com potencial disruptivo, para serem objeto de pesquisa: inteligência artificial, dados e computação, autonomia, tecnologias quânticas, biotecnologia, tecnologia hipersônica e espaço.

Ilustra-se o caso dos equipamentos autônomos, já classificados como tecnologias disruptivas (UNITED STATES, 2022). Na Guerra no Alto Carabaque<sup>19</sup>, em 2020, o emprego de veículos aéreos autônomos representou um marco na guerra moderna, quando esses equipamentos levaram a República do Azerbaijão a uma vitória decisiva sobre a Armênia (THOMAS *et al.*, 2021).

Esse desfecho evidenciou que o uso militar de veículos autônomos não se restringe mais a Estados ricos e forças armadas de abrangência global (POSTMA, 2021, p. 17). Dado os resultados que essas tecnologias podem proporcionar, e o fato de estarem ao alcance de diferentes atores, elas podem ser consideradas como potenciais fontes de ameaças emergentes no século XXI

Quanto às tecnologias hipersônicas, estima-se que mísseis hipersônicos<sup>20</sup> estejam sendo utilizados para ampliar as capacidades dos sistemas de armas antinavio. Recentes

<sup>18</sup> A expressão tecnologias disruptivas surgiu no meio corporativo e era usada para qualificar produtos que traziam ao mercado uma proposta de valor muito diferente do que estava disponível anteriormente (CHRISTENSEN, 1997, p. 11). Neste trabalho, disruptivo se refere à capacidade de alterar significativamente as relações de poder.

<sup>19</sup> Conflito ocorrido entre a República da Armênia e a República do Azerbaijão decorrente de disputas territoriais ao longo da fronteira entre os dois Estados (SHAIKH; RUMBAUGH, 2020).

<sup>20</sup> Em inglês, *hypersonic glide vehicles* (HGV). Diferem dos mísseis balísticos tradicionais pelo fato de passarem a maior parte do tempo planando na atmosfera superior, enquanto os mísseis balísticos tradicionais seguem uma trajetória previsível no início do voo. Os HGV são considerados mais capazes do que as armas subsônicas quando usados taticamente (INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES, 2020, p. x).

discussões sobre a utilização dessa tecnologia no míssil balístico de médio alcance DF-21<sup>21</sup> e no míssil balístico de alcance intermediário DF-26<sup>22</sup>, ambos chineses, indicam que a China tem incrementado suas capacidades de negação do uso do mar<sup>23</sup> (SAALMAN, 2017).

Esses são apenas alguns exemplos de tecnologias emergentes, que não visam a esgotar o assunto. Tais exemplos indicam que esses recursos têm potencial disruptivo e têm sido utilizados, dentro de uma estratégia A2/AD, para alterar o equilíbrio de poder entre os Estados.

## 2.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

O estudo realizado pelo DoD em 1998 apontou que o emprego de tecnologias *stealth* e de armas de alta precisão poderiam levar a uma restrição à aproximação de uma força atacante a uma determinada área defendida. Previu, com três décadas de antecedência, a utilização de tecnologias emergentes na implementação de uma estratégia A2/AD. Esta constatação é relevante, pois antecipou o que os EUA viriam a perceber como a principal ameaça aos seus interesses.

No contexto da RMA em curso, verificou-se que o Governo dos EUA vivenciou três períodos distintos quanto à percepção de ameaças. Estes períodos foram definidos por três eventos de relevância global: o fim da Guerra do Golfo em 1991, coincidindo com a dissolução da ex-URSS; os ataques sofridos pelos EUA em 2001; e o término da Guerra no Afeganistão em 2014.

O primeiro período (1991-2000) foi marcado pela transição de uma ameaça global, representada pela ex-URSS, para ameaças regionais e fenômenos transnacionais, como

---

<sup>21</sup> Míssil balístico móvel de médio alcance (2.150 km) chinês. Variantes do DF-21 incluem o DF-21C, com dupla capacidade (nuclear ou convencional) e o DF-21D, projetado como um míssil balístico antinavio (MISSILE DEFENSE PROJECT, 2022).

<sup>22</sup> Míssil balístico de alcance intermediário (4.000 km) chinês. Pode ser armado com uma ogiva convencional ou nuclear. A variante DF-26B, antinavio, foi testada em 2020 (MISSILE DEFENSE PROJECT, 2021).

<sup>23</sup> Tarefa que consiste em “dificultar o estabelecimento do controle de área marítima pelo inimigo, ou a exploração deste controle por meio da destruição ou neutralização de suas forças navais, do ataque às suas linhas de comunicação marítimas e aos pontos de apoio” (BRASIL, 2015, p. 180).

narcotráfico, migrações populacionais e questões ambientais. Dentre esses fenômenos, o terrorismo emergiu como uma ameaça durante este período.

Já o segundo período (2001-2014) foi dominado pelo terrorismo, que passou a orientar a agenda de defesa nacional dos EUA. Neste período, a acessibilidade de grupos radicais a tecnologias emergentes passou a fazer parte da ameaça percebida. Estes fatores levaram os EUA a empreender uma luta global contra o terrorismo.

O terceiro período começa em 2015 e se estende até os dias atuais. Durante este tempo, os EUA passaram a se ver ameaçados por uma potência em ascensão, a China, que tem utilizado tecnologias emergentes, como mísseis hipersônicos e veículos autônomos, em uma estratégia A2/AD ao longo do seu litoral. Na percepção estadunidense, a China se coloca como uma ameaça à liberdade e à segurança dos EUA.

Destarte, após um período de aproximadamente 30 anos, de 1991 a 2023, os EUA voltaram a perceber uma potência global como a principal ameaça. Nesse ínterim, o período de envolvimento dos EUA em atividades contraterroristas pode ter desviado a atenção estadunidense quanto ao potencial disruptivo das tecnologias desenvolvidas nesse período. Assim, no próximo capítulo, será analisada a evolução dos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA, no recorte de tempo considerado.

### 3 EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE EMPREGO DE FUZILEIROS NAVAIS

O Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA<sup>24</sup> (USMC) possui uma longa história de participações em vários dos mais importantes conflitos da história mundial. Ao longo de sua existência, o modo como atuaram esses Fuzileiros Navais, em cada ocasião, mudou. Basta mencionar que, no início da década de 1920, o USMC não possuía nenhuma doutrina anfíbia<sup>25</sup> e que, pouco mais de duas décadas depois, Fuzileiros Navais e Marinheiros estadunidenses protagonizaram uma série de operações anfíbias vitoriosas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Dentre os fatores que contribuíram para essas mudanças, as evoluções tecnológicas de cada época e o desenvolvimento da doutrina de emprego são especialmente importantes para esta pesquisa.

O propósito deste capítulo é apresentar a evolução dos conceitos de emprego<sup>26</sup> das forças de Fuzileiros Navais dos EUA a partir de 1991. Para isso, serão apresentados os resultados de pesquisas em publicações doutrinárias do USMC, da Marinha dos EUA<sup>27</sup> (USN), do Departamento da Marinha dos EUA<sup>28</sup> (DoN), do Departamento de Defesa dos EUA<sup>29</sup> (DoD) e do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos EUA<sup>30</sup> (JCS), além de outras fontes acessórias.

A fim de facilitar a compreensão da evolução dos conceitos apresentados, este capítulo será dividido em três seções, organizadas cronologicamente, de acordo com os resultados obtidos na pesquisa. Referida divisão facilitará a comparação com os resultados apresentados no capítulo 2. Ao final do capítulo, serão apresentadas algumas conclusões parciais a que chegou o pesquisador.

<sup>24</sup> Em inglês, *United States Marine Corps* – USMC.

<sup>25</sup> A primeira proposição de doutrina anfíbia surgiu apenas em 1921, com a publicação de *Advanced Base Operations in Micronesia* (UNITED STATES, 1992).

<sup>26</sup> Nesta pesquisa, conceito de emprego se refere à definição, de forma ampla e conceitual, de como uma força militar deve ser empregada em determinada situação ou ambiente.

<sup>27</sup> Em inglês, *United States Navy* – USN.

<sup>28</sup> Em inglês, *Department of the Navy* – DoN.

<sup>29</sup> Em inglês, *Department of Defense* – DoD.

<sup>30</sup> Em inglês, *Joint Chiefs of Staff* – JCS.

### 3.1 O FIM DO SÉCULO XX: 1991 A 2000

Em 1991, o emprego de Fuzileiros Navais estava diretamente associado às operações anfíbias. À época, tais operações eram definidas como “um ataque lançado do mar por forças navais e de desembarque, embarcadas em navios ou embarcações, envolvendo um desembarque em litoral **hostil**”<sup>31</sup>. Suas diferentes modalidades eram a retirada anfíbia, a demonstração anfíbia, a incursão anfíbia e o assalto anfíbio, sendo este último a principal (JOINT CHIEFS OF STAFF, 1989, p. I-1, I-6 e I-7, tradução e grifo nossos).

Naquele momento temporal, o requisito mais importante de uma operação lançada do mar sobre terra era a rápida edificação do poder de combate da força de desembarque<sup>32</sup> (JOINT CHIEFS OF STAFF, 1989, p. I-3).

Após o desembarque, as tarefas dessa força eram muito semelhantes às daquelas das operações anfíbias clássicas do período da Segunda Guerra Mundial, como estabelecer uma base avançada ou permitir o desembarque posterior de forças de maior vulto (JOINT CHIEFS OF STAFF, 1989, p. I-3 e I-4). Logo, o conceito de emprego de forças anfíbias pouco tinha evoluído até aquele momento.

A partir de 1992, o USMC e a USN assumem uma nova postura, com foco em operações conjuntas<sup>33</sup> de resposta a crises. Essa mudança não representou, contudo, um abandono das competências anfíbias anteriores, mas uma expansão e exploração das capacidades expedicionárias tradicionais (OKEEFE *et al*, 1992, p. 1 e 2). Assim, os Fuzileiros Navais continuaram com as tarefas de conquista e manutenção de bases avançadas para permitir o posterior desembarque de mais forças (KRULAK, 1995, p. A-5).

Contudo, o mar passou a ser visto como um espaço de manobra, que deveria ser aproveitado para lançar um ataque sobre o inimigo onde este estivesse em desvantagem (KRULAK, 1997). Esse conceito, conhecido como Manobra Operacional a Partir do Mar<sup>34</sup>

<sup>31</sup> No original em inglês: “An amphibious operation is an attack launched from the sea by naval and landing forces, embarked in ships or craft involving a landing on a hostile shore”.

<sup>32</sup> “Força organizada por tarefas, constituída de grupamentos operativos de fuzileiros navais destinados à realização de operações anfíbias” (BRASIL, 2015, p. 121).

<sup>33</sup> “Operação que envolve o emprego coordenado de elementos de mais de uma força singular, com propósitos interdependentes ou complementares, mediante a constituição de um Comando Conjunto” (BRASIL, 2015, p. 190). Destaca-se que, nos EUA, o USMC e a USN são duas Forças Singulares diferentes. Assim, operações que envolvam o USMC e a USN são consideradas conjuntas.

<sup>34</sup> Em inglês, *Operational Maneuver From The Sea* – OMFTS.

(OMFTS), incorporava avanços tecnológicos em mobilidade, poder de fogo e comunicações dos meios navais para obtenção de uma vantagem sobre o inimigo (KRULAK, 1995, p. A-6) (FIG. 7). Portanto, a disponibilidade de novas tecnologias permitiu o desenvolvimento de novos conceitos de emprego das forças de Fuzileiros Navais.

Um conceito subjacente à OMFTS é o *Seabasing*, que é o contínuo fornecimento de apoio às forças em terra a partir do mar. O *Seabasing*, assim como a OMFTS, também utiliza o mar como espaço de manobra para reduzir a necessidade de desembarque de meios em terra (UNITED STATES, 2005a, p. 6 e 11). O conceito não se limita às necessidades logísticas da força de desembarque, sendo extensível ao apoio de fogo, comando e controle e outras atividades (UNITED STATES, 1998, p. 93).

Na prática, os conceitos de OMFTS e *Seabasing* eram conjugados, resultando em uma Manobra Navio-Para-Objetivo<sup>35</sup> (STOM). A STOM previa o emprego de Fuzileiros Navais para realizar ataques dirigidos diretamente a objetivos profundos, sem a necessidade de conquista e manutenção de uma Cabeça-de-Praia<sup>36</sup> (CLARK; HAGEE, 2003).

A adoção da STOM, em substituição ao Movimento Navio-Para-Terra<sup>37</sup> (FIG. 5), ao integrar o *Seabasing* e a OMFTS, acelerava o ritmo das operações, ao mesmo tempo em que reduzia a quantidade de meios expostos a ameaças em terra. Esses efeitos eram especialmente relevantes para a capacidade de resposta a crises almejada pelo USMC (KRULAK, 1995, p. A-3). Essa questão será abordada com mais detalhes nas seções seguintes.

### 3.2 O COMEÇO DO SÉCULO XXI: 2001 A 2014

Com o início do século XXI, o USMC passou a ter como sua maior prioridade a Guerra ao Terror (HAGEE, 2005), como indica a declaração de visão de futuro do seu Comandante, em 2006:

<sup>35</sup> Em inglês, *Ship-to-Objective Maneuver* – STOM.

<sup>36</sup> “Área terrestre selecionada do litoral inimigo que, quando conquistada e mantida, assegura o desembarque contínuo de tropa e material, proporcionando espaço de manobra para operações em terra” (BRASIL, 2015, p. 53).

<sup>37</sup> “[...] movimento ordenado de tropas, equipamentos e suprimentos dos navios de assalto para as praias selecionadas na área de desembarque [...]” (BRASIL, 2015, p. 176).

Permanecer como a principal organização de combate expedicionário do mundo – sempre interoperável com parceiros conjuntos, de coalizão e interagências. **Criar estabilidade em um mundo instável** com os melhores guerreiros do mundo – Fuzileiros Navais dos EUA<sup>38</sup> (UNITED STATES, 2006, p. iii, tradução e grifo nossos).

O USMC deu início, então, ao desenvolvimento de capacidades voltadas ao enfrentamento de ameaças irregulares<sup>39</sup>, disruptivas e emergentes nos litorais e em áreas urbanas complexas (UNITED STATES, 2005b, p. vi). Contudo, O tipo de preparação e os equipamentos utilizados pelos Fuzileiros Navais, durante as Guerras no Afeganistão e no Iraque<sup>40</sup> (2003-2011), implicou na deterioração das capacidades necessárias à consecução de operações anfíbias (CONWAY, 2007, p. 4).

Por conseguinte, é possível observar que a prolongada participação do USMC em operações terrestres, sem um caráter naval, reduziu sua capacidade de realizar as operações militares para as quais os Fuzileiros Navais são vocacionados: as operações anfíbias.

Como observado, durante a década de 2000, houve poucas evoluções no conceito de emprego dos Fuzileiros Navais. Embora as lideranças do USMC reafirmassem constantemente a vocação expedicionária da Força e sua conexão com o mar e o litoral, as operações no Oriente Médio e na Ásia Central impactaram significativamente o desenvolvimento de novos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais (UNITED STATES, 2009, p. 5, 15, 16 e 21).

O afastamento de sua vocação anfíbia levou o Comandante do USMC, em 2006, a afirmar que:

Um dia esta longa guerra contra terroristas e extremistas islâmicos terminará. Seu Corpo de Fuzileiros Navais deixará de ser um **segundo exército de terra** e se reunirá com prazer aos nossos irmãos da Marinha, a bordo de navios anfíbios, para projetar a presença global dos EUA, demonstrar a boa vontade estadunidense e, se necessário, proteger nossos vitais interesses<sup>41</sup> (CONWAY, 2010, p. 9, tradução e grifo nossos).

<sup>38</sup> No original em inglês: *“To remain the world’s foremost expeditionary warfighting organization—always interoperable with joint, coalition, and inter-agency partners. To create stability in an unstable world with the world’s finest warriors—United States Marines”*.

<sup>39</sup> A conceituação de ameaça irregular não faz parte do objeto de estudo desta pesquisa. Contudo, pode-se entender como ameaça irregular o emprego de “forças não regulares ou [...] forças regulares [...] fora dos padrões normais convencionais [...]. Engloba a guerra de guerrilhas, a subversão, a sabotagem e o apoio à fuga e evasão” (BRASIL, 2015, p. 136).

<sup>40</sup> O USMC foi empregado na Guerra no Iraque entre 2004 e 2008 (SCHLOSSER, 2010, p. 261 e 268).

<sup>41</sup> No original em inglês: *“One day this long war with terrorists and Islamic extremists will be over. Your Marine Corps will cease being a second land army and will gladly rejoin our Navy brothers aboard amphibious ships in order to project America’s global presence, demonstrate American goodwill, and, if need be, protect America’s vital interests”*.

Foi apenas no final da década de 2000 que se viu a retomada do pensamento anfíbio. O conceito de operação anfíbia de 1989, previamente citado, sofreu modificações, passando a ser definida como uma operação “lançada do mar por uma força anfíbia, embarcada em navios ou embarcações, com o objetivo principal de introduzir uma força de desembarque em terra para cumprir a missão atribuída”<sup>42</sup> (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2009, p. tradução nossa).

Nota-se que as palavras *ataque* e *hostil* foram retiradas da definição, pois, a partir daquele momento, operações de cooperação de segurança, de assistência humanitária, de evacuação de não combatentes, dentre outras, passaram a ser incluídas no rol de capacidades de uma força anfíbia (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2009, p. I-2 e I-3).

Alinhado a essas novas capacidades, surge o conceito de Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais<sup>43</sup> (MAGTF) capacitado em Cooperação de Segurança<sup>44</sup> (SC). O SC-MAGTF<sup>45</sup> possuía a tarefa de contribuir para os esforços de segurança de uma nação amiga em uma área específica (UNITED STATES, 2008, p. 17) (FIG. 6). Essa nova competência credenciava o MAGTF a ser empregado em uma variedade maior de operações.

Cabe destacar que alguns conceitos formulados entre 1991 e 2000, em particular a STOM e a OMFTS, foram ainda mencionados em 2012 como capacidades anfíbias estratégicas para o século XXI (UNITED STATES, 2012c, p. 4). Isso revela a perenidade da doutrina anfíbia ao longo do tempo.

Nota-se, também, que, mesmo estando envolvido em um conflito de caráter terrestre, o USMC perseverou na busca de alternativas para valorizar suas capacidades anfíbias e expedicionárias. Como consequência, houve uma ampliação do conceito de emprego dos Fuzileiros Navais, que se estendeu além do tradicional assalto anfíbio<sup>46</sup>, como será apresentado a seguir.

<sup>42</sup> No original em inglês: “An amphibious operation is a military operation launched from the sea by an amphibious force (AF), embarked in ships or craft with the primary purpose of introducing a landing force (LF) ashore to accomplish the assigned mission”.

<sup>43</sup> Em inglês, *Marine Air-Ground Task Force – MAGTF*. Trata-se de uma “organização por tarefas, nucleada por tropa de fuzileiros navais, constituída para o cumprimento da missão específica e estruturada, segundo conceito organizacional de componentes, que grupa os elementos componentes de acordo com a natureza de suas atividades” (BRASIL, 2015, p. 131). O conceito foi concebido em 1963, na publicação *Marine Corps Order 3120.3 The Organization of Marine Air-Ground Task Forces* (UNITED STATES, 2019, p. 1-4).

<sup>44</sup> Em inglês, *Security Cooperation – SC*.

<sup>45</sup> O termo SC-MAGTF foi substituído, em 2011, por SP-MAGTF (*Special Purpose Marine Air-Ground Task Force*) (UNITED STATES, 2011). Contudo, neste trabalho, será utilizado o termo original.

<sup>46</sup> “Ataque lançado do mar para, mediante um desembarque, estabelecer uma força de desembarque em terra, sendo executado por meios de superfície ou aéreos e apoiado por meios navais ou aéreos” (BRASIL, 2015, p. 38).

### 3.3 A SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA: 2015 A 2023

Ao começar a década de 2010, a participação na Guerra no Afeganistão continuou sendo a principal prioridade do USMC. No entanto, começou-se a perceber uma reconexão do USMC com o ambiente marítimo. Mesmo que não refletida diretamente na prática operacional, essa ligação se manifestou de forma mais acentuada no pensamento anfíbio.

A nova definição de operações anfíbias, de 2014, deixa claro que se trata de:

uma operação militar, lançada do mar, por uma força anfíbia, para conduzir operações de força de desembarque **nos litorais**. Os litorais incluem aquelas áreas de terra (e seu mar adjacente e espaço aéreo associado) que são predominantemente suscetíveis ao engajamento e influência a partir do mar<sup>47</sup> (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2014, p. xi, tradução e grifo nossos).

Em contraste às definições anteriores, esta demonstra uma maior valorização do mar e do litoral. De maneira semelhante ao que fazia no passado, o USMC voltaria a ser projetado sobre terra por forças navais. Contudo, diferentemente de outrora, também deveria contribuir para a garantia do acesso ao litoral (UNITED STATES, 2014, p. 42).

Assim, a partir do final da década de 2010, o USMC voltou a se dedicar ao desenvolvimento de conceitos de emprego relacionados às forças navais. Se, antes, os Fuzileiros Navais eram apenas passageiros a bordo dos navios em trânsito para um teatro de operações<sup>48</sup>, agora deveriam contribuir para a luta desde o momento do embarque (BERGER, 2019a, p. 10).

Assim afirmou o General Berger, ao assumir o Comando do USMC, em 2019:

O Corpo de Fuzileiros Navais deve ser capaz de lutar no mar, a partir do mar e **da terra para o mar**; operar e persistir dentro do alcance de fogos de longo alcance do adversário; **manobrar nas porções marítimas e terrestres de litorais complexos**; e

<sup>47</sup> No original em inglês: *“An amphibious operation is a military operation launched from the sea by an amphibious force (AF) to conduct landing force (LF) operations within the littorals. The littorals include those land areas (and their adjacent sea and associated air space) that are predominantly susceptible to engagement and influence from the sea”*.

<sup>48</sup> Espaço geográfico necessário à “condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o consequente apoio logístico” (BRASIL, 2015, p. 265).

detectar, engajar e apoiar enquanto combina os domínios físico e de informação para alcançar resultados desejados<sup>49</sup> (BERGER, 2019a, p. 12, tradução e grifo nossos).

À luz da importância da disputa pelo espaço marítimo, como evidenciado pelos trechos acima destacados, deu-se início ao desenvolvimento do conceito de operações expedicionárias de base avançada<sup>50</sup> (EABO).

Com o propósito de integrar as operações de Fuzileiros Navais a uma campanha naval (JOINT CHIEFS OF STAFF, 2014, p. 16), as EABO são realizadas em face de estratégias adversárias de contra-intervenção<sup>51</sup> (BERGER, 2019a, p. 11) (FIG. 1). Em suma, os Fuzileiros Navais buscaram se ajustar às necessidades da USN, agregando valor aos seus serviços.

Como uma forma de guerra expedicionária, as EABO envolvem o emprego de forças móveis, comparativamente pequenas e relativamente fáceis de manter e apoiar. Essas operações são conduzidas dentro de uma área contestada<sup>52</sup>, ou potencialmente contestada, para conduzir ações de negação do mar, de controle do mar ou de apoio a uma força naval (UNITED STATES, 2021a, p. 1-3).

As EABO diferem de outros tipos de operações expedicionárias, como as operações anfíbias, porque as forças empregadas realizam uma combinação de ações para permanecerem dentro do raio de ação das armas inimigas (UNITED STATES, 2021a). Outrossim, as EABO são executadas durante todo o espectro entre paz e guerra.

Dito de outra forma, durante os períodos de paz e crise, as EABO estabelecem posições dentro de um possível teatro de operações para dissuadir e evitar uma escalada da crise. E, após o início das hostilidades, assumem uma postura de combate para apoiar uma campanha naval em um ambiente marítimo contestado (UNITED STATES, 2023, p. I-2).

<sup>49</sup> No original em inglês: *“The Marine Corps must be able to fight at sea, from the sea, and from the land to the sea; operate and persist within range of adversary long-range fires; maneuver across the seaward and landward portions of complex littorals; and sense, shoot, and sustain while combining the physical and information domains to achieve desired outcomes”*.

<sup>50</sup> Em inglês, *Expeditionary Advanced Base Operations – EABO*. O termo remete a *Advanced Base Operations in Micronesia*, estudo realizado por Earl Hancock Ellis (1880-1923), em 1921, e que serviu de base para a Campanha do Pacífico dos EUA contra o Império do Japão durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (FRIEDMAN, 2015, p. 9).

<sup>51</sup> Refere-se a estratégias voltadas à dissuasão contra uma intervenção estrangeira e ao enfraquecimento da capacidade do adversário de intervir com sucesso (JAMISON, 2020).

<sup>52</sup> Contestado se refere a ambientes incertos ou hostis. Ambiente incerto é aquele em que as forças governamentais locais não possuem efetivo controle de seu território ou população. Ambiente hostil é aquele em que forças hostis têm controle, intenção e capacidade para efetivamente se opor ou reagir às ações de outra força (UNITED STATES, 2017, p. 3).

A interdependência das dimensões terrestre e marítima exige uma abordagem operacional que trate os litorais como um espaço de batalha único e integrado. Sob essa ótica, as EABO combinam as capacidades expedicionárias dos Fuzileiros Navais, que operam predominantemente na dimensão terrestre, com as capacidades da esquadra, que opera nas dimensões marítima, aérea, no ciberespaço e no espectro eletromagnético (UNITED STATES, 2023, p. I-3).

Essa coordenação de esforços confere às forças navais a capacidade de conduzir operações em todos os domínios<sup>53</sup>. Nesse contexto, o acesso em todos os domínios é uma condição necessária à manutenção da liberdade de ação de uma força que opera em uma área contestada (UNITED STATES, 2015, p. 19).

Como visto, a execução de EABO exige o posicionamento de forças e a sua permanência, durante todo o espectro entre paz e guerra, dentro do alcance das armas de longo alcance do inimigo. A necessidade de forças especialmente organizadas e equipadas para esse fim foi materializada no conceito de *Stand-In Forces* (UNITED STATES, 2021b, p. 1).

As *Stand-in Forces* são frações de tropa relativamente pequenas, simples de manter e sustentar, dotadas de elevada mobilidade e capazes de operar como o primeiro escalão de uma defesa marítima em profundidade (UNITED STATES, 2021b, p. 4). Essas organizações incorporam recursos de alta tecnologia, como plataformas menores, não tripuladas, ou minimamente tripuladas, para criar dilemas táticos aos adversários (BERGER, 2019b, p. 10).

O conceito se baseia no princípio de guerra da iniciativa, com o propósito de negar ao inimigo a capacidade de responder eficazmente a ataques recebidos (HUGHUES JR.; GIRRIER, 2018, p. 17). Quando determinado, as *Stand-in Forces* conduzem operações de negação do mar em apoio a uma campanha naval, especialmente em pontos de estrangulamento de linhas de comunicação marítima (LCM) (UNITED STATES, 2021b, p. 14).

Ante ao exposto, verifica-se que o conceito de *Stand-in Forces* representa uma evolução no conceito de emprego de forças de Fuzileiros Navais, que passam a contribuir diretamente para a tarefa do poder naval de negação do uso do mar. Isso não quer dizer, contudo, que as operações anfíbias clássicas, como o assalto anfíbio, devam ser consideradas ultrapassadas ou irrelevantes (BERGER, 2020a, p. 3). Note-se que, em 2022, os investimentos

---

<sup>53</sup> Em inglês, *All-Domain Operations* ou *Multi-Domain Operations*.

em navios anfíbios continuavam a ser a mais alta prioridade do USMC para investimentos de recursos financeiros (BERGER, 2022, p. 15).

Apesar dos amplos recursos tecnológicos disponíveis às forças armadas dos EUA, o USMC, nas palavras de seu Comandante, “não está organizado, treinado, equipado ou posicionado para atender às demandas do futuro ambiente operacional em rápida evolução”<sup>54</sup> (BERGER, 2020b, p. 10, tradução nossa). Como resultado, para a execução das EABO, o USMC tem desenvolvido experimentos em torno de uma nova organização para o combate, especialmente concebida para esse tipo de operação.

O Regimento Litorâneo de Fuzileiros Navais<sup>55</sup> (MLR) é uma força de Fuzileiros Navais especialmente organizada para manobrar e permanecer dentro de um ambiente marítimo contestado, a partir de onde conduzirá operações de negação do mar, em apoio a uma força naval (UNITED STATES, 2021a, p. A-1) (FIG. 3). Comparativamente a um MAGTF, o MLR é dotado de capacidades adicionais de inteligência, monitoramento e reconhecimento, comando e controle e de fogos de longo alcance (UNITED STATES, 2020, p. 15).

Em sua constituição, o MLR possui um Grupamento de Desembarque de Litoral<sup>56</sup> (LCT), que é uma força organizada por tarefas, capaz de comandar e controlar uma ou mais bases avançadas expedicionárias<sup>57</sup> (EAB) (FIG. 4). Assim, a possibilidade de dispersão de várias EAB em uma região litorânea permite ao LCT executar de operações de negação do mar ao inimigo, em apoio a uma força naval amiga (UNITED STATES, 2021a, p. A-2).

Ante o exposto, nota-se que o MLR e o LCT incorporam o conceito de *Stand-in Forces*, previamente apresentado. Ambas as organizações são derivadas do conceito de MAGTF. Contudo, percebe-se uma evolução do conceito. De acordo com sua concepção original, o Comandante de um MAGTF deveria possuir unidade de comando sobre seus elementos subordinados, para responder prontamente a uma tarefa a ele designada (UNITED STATES, 2012b, p. 2-49).

Não obstante, o que se nota é que o LCT deve possuir a capacidade de operar mais de uma EAB, distribuídas em um teatro de operações. Para tanto, o aspecto de emprego coeso

<sup>54</sup> No original em inglês: “*The Marine Corps is not organized, trained, equipped, or postured to meet the demands of the rapidly evolving future operating environment*”.

<sup>55</sup> Em inglês, *Marine Littoral Regiment* – MLR.

<sup>56</sup> Em inglês, *Littoral Combat Team* – LCT.

<sup>57</sup> Em inglês, *Expeditionary Advanced Base* – EAB. Trata-se de uma base temporária, localidade dentro do alcance do armamento de longo alcance de um adversário, que fornece espaço de manobra no mar, ao mesmo tempo em que permite a sustentação e defesa de forças amigas (UNITED STATES, 2021a, p. 1-6).

do MAGTF está sendo substituído, ou complementado, pela possibilidade de emprego de forças com relativa independência de comando e controle.

Como visto, os conceitos de EABO e *Stand-In Forces* estão relacionados entre si. Mais do que isso, eles se integram aos conceitos de Operações Litorâneas em um Ambiente Contestado<sup>58</sup> (LOCE) e de Operações Marítimas Distribuídas<sup>59</sup> (DMO), como será apresentado a seguir.

As LOCE são operações navais, realizadas em um ambiente litorâneo, em face de ameaças emergentes (FIG. 2). Trata-se de um conceito operacional que serve de marco para o desenvolvimento doutrinário na USN e no USMC, com ênfase na competição pelo controle do mar (UNITED STATES, 2020, p. 25).

Nesse contexto, as DMO empregam os meios disponíveis de maneira dispersa na área contestada para, em momento e local oportunos, manobram e emassarem poder de combate sobre o adversário. Para esse fim, as diferentes plataformas, armas, sistemas e sensores se integram por meio de *kill webs*<sup>60</sup>, dificultando a detecção pelo inimigo e facilitando a obtenção de conhecimentos sobre o teatro de operações pelas forças amigas (UNITED STATES, 2020, p. 25).

Após a exposição desses diferentes conceitos de emprego de Fuzileiros Navais, serão apresentadas, a seguir, as conclusões parciais a que chegou o pesquisador.

### 3.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, viu-se que o conceito de emprego do USMC atravessou três períodos distintos, dentro do recorte temporal considerado. No último período, iniciado em 2015, demonstra ter retornado, de certa maneira, ao ponto de partida. Essa conclusão deriva da observação de que, em 1991, o USMC estava diretamente ligado às operações anfíbias,

<sup>58</sup> Em inglês, *Littoral Operations in a Contested Environment* (LOCE).

<sup>59</sup> Em inglês, *Distributed Maritime Operations* (DMO).

<sup>60</sup> Rede escalonável que conecta sensores e plataformas de armas, fisicamente dispersos, para multiplicar o número de combinações possíveis para engajamento de alvos. Essas redes podem sincronizar e sequenciar efeitos em vários domínios (UNITED STATES, 2020, p. 25).

enquanto hoje voltaram a cooperar com a USN em campanhas navais. Contudo, o momento atual possui algumas diferenças do anterior.

Inicialmente, percebe-se uma modificação no relacionamento entre o USMC e a USN no que diz respeito ao apoio entre as forças, naval e de desembarque, em uma operação anfíbia. A pesquisa apontou que, em 1991, o USMC estava mais direcionado ao cumprimento de missões em terra, após o desembarque. Três décadas depois, os Fuzileiros Navais cooperam com os meios navais desde o momento do embarque e, após o desembarque, realizam tarefas em apoio à campanha naval.

Quanto a esse relacionamento entre a força naval e a força de desembarque, nota-se uma segunda mudança de paradigma. No início do período estudado, um requisito crítico para a força de desembarque era a rápida edificação de seu poder de combate em terra. Para isso, deveria contar com o apoio da força naval para o desembarque de seus meios.

De outro vértice, ao final do período estudado, identifica-se que a quantidade de meios em terra deve ser reduzida e que uma das principais tarefas dos Fuzileiros Navais deve ser o apoio à força naval. Com efeito, as EABO inverteram, de certa forma, a lógica entre “força que apoia” e “força apoiada”. Também foi possível identificar que, durante o período de 1991 a 2014, o ritmo de produção doutrinária anfíbia foi bastante reduzido. Apenas a partir de 2015 se observa um maior número de novos conceitos sendo apresentados. Dessa observação, pode-se chegar a duas conclusões.

A primeira diz respeito ao descompasso entre o ritmo de evolução doutrinária e o ritmo do desenvolvimento tecnológico. Tanto na década de 1990, quanto a partir de 2015, o desenvolvimento de novos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais se dá em resposta aos recursos tecnológicos já disponíveis, como nos exemplos das OMFTS e EABO.

A segunda conclusão diz respeito à internalização de novas tecnologias de uso militar. Apesar de amplos recursos tecnológicos disponíveis, o USMC não desenvolveu sua doutrina e organização no ritmo necessário para acompanhar a revolução em assuntos militares em curso. Essa disparidade poderia ser atribuída a uma avaliação imprecisa do ambiente e de suas ameaças.

No próximo capítulo, será averiguado como as diferentes percepções de ameaças no nível político-estratégico, estudadas no capítulo 2, se relacionam a evolução dos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais.

## 4 EMPREGO DE FUZILEIROS NAVAIS EM FACE DAS AMEAÇAS PERCEBIDAS

O propósito deste capítulo é contrastar a evolução dos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais em face das ameaças percebidas, entre os anos de 1991 e 2023. Nesse sentido, este capítulo constitui a síntese das evidências analisadas nos capítulos anteriores e contém as conclusões deste pesquisador sobre o que foi estudado.

À semelhança do que foi feito nos capítulos 2 e 3, o recorte temporal será dividido em três períodos distintos. E, após o estudo de cada período de forma individualizada, será apresentada uma avaliação em perspectiva abrangendo todo o recorte temporal estudado.

### 4.1 INOVAÇÕES ASSÍNCRONAS: 1991 A 2000

Após a extinção da ex-URSS, em 1991, a ameaça de um ator estatal, com alcance global, deu lugar à preocupação com crises regionais, em torno de atores não-estatais. Outras fontes de risco também foram identificadas, como o narcotráfico e a proliferação de armas de destruição em massa. Não obstante, foi o terrorismo a ameaça percebida como a principal a ser enfrentada pelos EUA.

Corroborando essa percepção do terrorismo como a principal ameaça, destaca-se que os EUA haviam superado a ex-URSS e, também em 1991, vencido a Guerra do Golfo. Esses dois episódios, que marcam o início do período pesquisado, conduziram os EUA a uma avaliação de que não mais haveria uma disputa com outro Estado pelo poder global, apenas crises regionais.

Paralelamente a esse processo, foram desenvolvidas algumas inovações no conceito de emprego de Fuzileiros Navais. A OMFTS, o *Seabasing* e a STOM, conceitos surgidos e incorporados à doutrina do USMC nesse período, se valiam de novos recursos de comando e controle, fogos e mobilidade para potencializar os efeitos das ações sobre o inimigo.

Se, por um lado, esses conceitos indicam que o USMC buscava acompanhar a RMA em curso, por outro, revelam um descasamento com a percepção de ameaça do período considerado.

A pesquisa apontou que os conceitos OMFTS e STOM, ambos facilitados pelo *Seabasing*, são orientados para atingir objetivos pontuais, profundos, afastados do litoral. Este não revela ser o caso quando a ameaça enfrentada se apresenta de maneira ambígua ou possui natureza não-militar. Assim, nota-se que as OMFTS e as STOM se adequam a uma ameaça como a ex-URSS o era, até 1991. Contudo, tais conceitos foram desenvolvidos para responder a um desafio que não mais se apresentava como tal.

A análise desse período, isoladamente, revela uma assincronia entre o desenvolvimento de novos conceitos e a evolução na percepção de ameaças. Contudo, a análise dos três períodos em conjunto poderá conduzir a outras conclusões. Tendo em mente essa expectativa, será apresentada, a seguir, a análise do segundo período.

#### 4.2 IMOBILISMO DOUTRINÁRIO: 2001 A 2014

O período de 2001 a 2014 foi marcado pelo engajamento do USMC na Guerra ao Terror. Após os ataques sofridos pelos EUA em 11 de setembro de 2001, o terrorismo, que já era considerado a principal ameaça no período anterior, passou a dominar a percepção de ameaças. Paralelamente, o acesso a tecnologias emergentes, associado ao extremismo, também foi considerado de grande perigo para os EUA.

Nesse ínterim, desenvolve-se o conceito de SC-MAGTF, uma organização por tarefas especialmente organizada, treinada e equipada para cumprir missões de cooperação de segurança. Portanto, em face aos ataques de 11 de setembro, a concepção do SC-MAGTF se mostra desalinhada com o contexto das ameaças percebidas durante este período.

De um vértice, a introdução do conceito do SC-MAGTF, quando ocorreu, pode ser avaliada como uma resposta tardia a ameaças que não mais se apresentavam. Isso porque o período anterior foi marcado por um ambiente de incertezas e ambiguidade, caracterizado por crises regionais.

Naquele cenário, entre 1991 e 2000, as capacidades do SC-MAGTF, tais como realizar operações de cooperação de segurança, de assistência humanitária e de evacuação de não combatentes, estariam perfeitamente alinhadas às demandas. Porém, em face do terrorismo,

em meio à Guerra ao Terror, tida como a maior prioridade do USMC no período, as capacidades do SC-MAGTF não eram as mais desejadas.

Em suma, a evolução do conceito de emprego de Fuzileiros Navais, representado pelo SC-MAGTF, como uma resposta às ameaças percebidas, foi tardia, pois, quando foi introduzida, o cenário já era outro.

Por outro lado, poder-se-ia dizer que o desenvolvimento do conceito do SC-MAGTF se deu de modo antecipatório à percepção do cenário de ameaças característico do terceiro período estudado. Todavia, esse não revela ser o caso, pois há pouca aderência entre as atividades que podem ser desenvolvidas pelo SC-MAGTF e as ameaças percebidas a partir de 2015.

De fato, após o término da Guerra no Afeganistão, em 2014, os EUA ainda permaneceram no país para apoiar o governo afegão no desenvolvimento de suas forças de segurança, o que perdurou até 2021. Contudo, a partir de 2015, a percepção de ameaças não contemplava instabilidades regionais, como no período de 1991 a 2000. Então, ainda que o SC-MAGTF pudesse ter sido útil na qualificação das forças de segurança do Afeganistão<sup>61</sup>, esse conceito não estaria relacionado à principal ameaça percebida.

A partir de 2008 e com maior ênfase a partir de 2012, após o término da Guerra no Iraque, a avaliação das ameaças apresenta sinais de mudança. Documentos de alto nível do Governo dos EUA passaram a indicar a China como uma potência capaz de ameaçar os interesses nacionais estadunidenses. Nesse sentido, deu-se destaque às capacidades militares convencionais chinesas empregadas em uma estratégia A2/AD.

Essa foi a segunda ocasião em que documentos de defesa estadunidenses se referiram à ameaça de uma potência global; a primeira foi em 1988. Ainda assim, o terrorismo perdurou como a ameaça mais relevante até 2014.

Afinal, durante esse segundo período, o conceito de emprego dos Fuzileiros Navais sofreu pouca alteração. Essa constatação, associada às conclusões obtidas da análise do período anterior, começa a revelar um certo conservadorismo do USMC quanto aos seus princípios doutrinários.

---

<sup>61</sup> Não é possível afirmar em qual medida as ações de cooperação de segurança realizadas pelo USMC no Afeganistão contribuíram para a qualificação das forças de segurança afegãs. Esse tema não faz parte do objeto de estudo desta pesquisa.

Como visto, ainda que os Fuzileiros Navais dos EUA estivessem sendo empregados em face de uma nova ameaça, a instituição não abandonou os conceitos desenvolvidos em momentos anteriores. Assim, o que foi considerado inicialmente como uma dificuldade de responder a novas demandas começa a dar sinais de que faz parte de um processo deliberado de desenvolvimento da instituição.

Simultaneamente a esse processo perene de desenvolvimento doutrinário, o USMC não deixou de se adaptar às necessidades mais urgentes, como a Guerra ao Terror. Dessa análise, surgem indícios da existência de dois sistemas que, funcionando em paralelo, permitem que o USMC responda às demandas emergentes, sem deixar de cumprir suas atribuições tradicionais. A análise do terceiro e último período, a seguir, complementarará essa observação.

#### 4.3 COMPETIÇÃO PELO ACESSO: 2015 A 2023

Como antecipado na seção anterior, ao final da primeira década dos anos 2000 e no começo da década seguinte, o Governo dos EUA começou a demonstrar inquietações em relação à expansão das capacidades chinesas que poderiam ser empregadas em uma estratégia A2/AD. Nos anos seguintes, o desenvolvimento de tecnologias emergentes com potencial disruptivo levou os EUA a reconhecer que suas forças operavam em ambientes contestados em todos os domínios.

Neste último período estudado, os novos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais identificados revelam que o foco do USMC tem sido as EABO. Essas operações, apesar de seu caráter expedicionário, não são operações anfíbias, o que revela uma mudança sensível na postura do USMC. O desenvolvimento desse conceito, em detrimento de outros relacionados diretamente às operações anfíbias, pode ser atribuído à percepção de que os Fuzileiros Navais serão empregados em ambientes contestados em todos os domínios.

Assim, para que uma força naval tenha liberdade de ação para operar em uma área contestada, é necessário garantir seu acesso em todos os domínios. Entretanto, uma operação anfíbia, conforme as definições identificadas por esta pesquisa, não tem por propósito a obtenção ou a manutenção desse acesso. Alternativamente, esse propósito é atingível pelas

EABO, que, ao adotarem os conceitos de MLR e *Stand-in Forces*, mantêm forças permanentemente posicionadas nessas áreas contestadas.

Outra possível interpretação do foco do USMC nas EABO é o fortalecimento de sua ligação ao ambiente marítimo nesse período, depois de ter sido considerado um segundo exército de terra, no período anterior.

Como indicado pela pesquisa, as EABO favorecem a adoção de uma abordagem operacional que trata os litorais como um espaço de batalha único, enfatizando a interdependência entre as ações dos Fuzileiros Navais e da esquadra. Nessa perspectiva, o USMC, ao desenvolver as EABO, busca reforçar seus laços com o mar e com a USN.

No que diz respeito aos conceitos de MLR e LCT, estes indicam que o USMC tem buscado acelerar sua participação na RMA em curso. Verificou-se que os MLR, comparativamente aos MAGTF, incorporam novas tecnologias de sensoriamento e de comando e controle. Em outras palavras, o USMC desenvolveu novas organizações e doutrinas para empregar tecnologias emergentes. Essas três características correspondem aos elementos de uma RMA, de acordo com a definição adotada nesta pesquisa.

Percepção semelhante pode ser feita em relação aos LCT. Diferentemente dos MAGTF, que possuem maior rigidez em relação às relações de comando entre os componentes, os LCT oferecem flexibilidade de comando e controle aos elementos subordinados. Essa característica é particularmente relevante nesse período, quando a principal ameaça percebida é a China. Assim, compreende-se que o LCT representa uma evolução do conceito de emprego de Fuzileiros Navais decorrente da ameaça percebida no período.

Finda a análise do terceiro período, percebe-se que os conceitos aqui estudados estão relacionados com aqueles surgidos no primeiro período. Em ambos os momentos, os conceitos envolvem o emprego de Fuzileiros Navais como parte de uma força naval para o cumprimento de determinado propósito em terra.

A percepção de continuidade entre temas distantes no tempo suscita uma constatação significativa: o USMC nunca renunciou ao seu compromisso com suas tarefas típicas de força anfíbia. Pelo contrário, manteve-se proativamente focado no desenvolvimento de conceitos de emprego como parte integrante de uma força naval, mesmo quando confrontado com ameaças de naturezas diversas. A exploração dessa evidência será apresentada a seguir.

#### 4.4 OS TRÊS PERÍODOS EM PERSPECTIVA

O estudo de cada período em particular, onde os conceitos de emprego e as ameaças percebidas foram comparados, não permite uma compreensão completa do processo de transformação como um todo. Essa abordagem detalhada do objeto de pesquisa, embora válida para a correta compreensão das minúcias de cada período, não revela outras considerações importantes relacionadas ao recorte temporal estudado.

Com o objetivo de extrair conclusões mais aprofundadas, os três períodos serão abordados a partir de uma perspectiva mais ampla.

Inicialmente, o que foi considerado como inércia doutrinária, uma incapacidade de se ajustar frente a novos desafios, ou de fazê-lo de maneira assíncrona, poderia ser interpretado como resiliência organizacional. Isso significa que, mesmo diante de um amplo espectro de ameaças, que assumiram diferentes fisionomias conforme o período estudado, o USMC não se afastou de suas competências essenciais como componente de uma força naval.

O ritmo da evolução dos conceitos de emprego do USMC, caracterizado por uma adaptação gradual às diferentes ameaças, demonstra ter desempenhado um papel importante na salvaguarda da identidade institucional contra tendências passageiras. Nesse sentido, a capacidade de manutenção de um eixo doutrinário equilibrado contribuiu para que o USMC mantivesse a flexibilidade e a versatilidade necessárias para se adequar às mudanças na percepção de ameaças.

Exemplo disso é que alguns dos conceitos desenvolvidos ainda na década de 1990 continuam a ser explorados no período contemporâneo, como a OMFTS e STOM. Outrossim, tais conceitos do passado se mostram pertinentes em face às ameaças do presente. Essa atemporalidade demonstra a validade de manutenção de uma matriz doutrinária persistente.

Por fim, a análise abrangente do objeto de pesquisa apontou para a existência de dois sistemas paralelos aplicados ao desenvolvimento doutrinário. Embora não seja possível afirmar com certeza, devido à brevidade do recorte temporal estudado, há indícios de que as ameaças percebidas no nível político-estratégico implicam em mudanças imediatas no emprego de Fuzileiros Navais. Esse primeiro sistema atende às demandas emergentes.

Simultaneamente, um segundo sistema, mais cadenciado, se encarrega da preservação de um eixo doutrinário com pequenas mudanças incrementais. Esses dois

sistemas, funcionando em paralelo, devem contribuir para a flexibilidade e versatilidade do USMC mencionadas anteriormente.

#### 4.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

Durante o período analisado, e até mesmo antes, a partir de 1988, observou-se a discussão recorrente sobre o desenvolvimento tecnológico com aplicação militar. Em diversas ocasiões, o potencial disruptivo de certas tecnologias emergentes foi evidenciado. Em 1992, em especial, reconheceu-se que os EUA se apoiavam em sua superioridade tecnológica como compensação diante de eventuais desvantagens frente a seus adversários.

No entanto, a investigação identificou uma carência de transformações nas organizações e nos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais, particularmente entre 2001 e 2014. Neste ínterim, o USMC manteve suas doutrinas e organizações praticamente inalteradas, a despeito do avanço tecnológico daquele período.

Esse desequilíbrio entre a progressão tecnológica e a atualização dos conceitos de emprego sugere uma hesitação do USMC em se adaptar à RMA contemporânea. Dessa forma, é possível concluir que as eventuais vulnerabilidades do USMC em um ambiente contestado não decorrem necessariamente do uso de tecnologias emergentes e disruptivas por seus adversários, mas de uma defasagem doutrinária e organizacional endógena.

Em relação à reorientação do foco do USMC de volta para as operações expedicionárias em conjunto com a USN a partir de 2015, um aspecto final merece destaque. Este regresso às origens posicionou o USMC, em relação à USN, de maneira distinta do que se via no início dos anos 1990.

Anteriormente, o USMC era um instrumento de projeção de poder, capaz de contribuir com as tarefas de uma força naval. Contudo, após mais de três décadas, o USMC redefiniu sua posição dentro do paradigma naval. Diante das ameaças oriundas das estratégias A2/AD, os Fuzileiros Navais agora atuam como facilitadores das forças navais, contribuindo para seu acesso e liberdade de ação em ambientes contestados. Essa conclusão será ampliada no próximo capítulo.

## 5 CONCLUSÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi averiguar a evolução dos conceitos de emprego dos Fuzileiros Navais dos EUA, em operações anfíbias e expedicionárias, em face das ameaças percebidas no nível político-estratégico, no período de 1991 a 2023, à luz do conceito de revolução em assuntos militares.

Para atingir esse propósito, foi definida a seguinte questão de pesquisa: como se deram as transformações nos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais dos EUA, em operações anfíbias e expedicionárias, entre 1991 e 2023, em face das ameaças percebidas no nível político-estratégico?

Foram também formuladas duas questões de apoio: as mudanças nos conceitos de emprego ocorreram antes ou depois das mudanças na percepção das ameaças? A atualização dos conceitos foi reativa ou proativa em relação ao desenvolvimento tecnológico?

Para responder às questões propostas e alcançar o propósito, foi adotada uma abordagem genealógica, buscando averiguar como os conceitos foram transformados ao longo do tempo, à luz da percepção de ameaças no nível político-estratégico. Assim, a pesquisa baseou-se na consulta a documentos do nível político-estratégico do Governo dos EUA e publicações doutrinárias de suas forças armadas, além de outras obras complementares.

Neste ponto, é relevante destacar uma limitação desta pesquisa. Alguns documentos pesquisados, de acesso restrito, não estavam disponíveis para consulta. Nestas circunstâncias, foram consultadas versões de acesso público dos documentos, que continham apenas partes dos originais.

Após a contextualização histórica do capítulo introdutório, no capítulo 2 foram estudadas as NSS, NDS e NMS publicadas entre 1988 e 2022, a fim de se compreender como a percepção de ameaças no nível político-estratégico dos EUA evoluiu no período considerado. Além disso, apresentou-se uma definição de revolução em assuntos militares, que serviu de referencial teórico para toda a pesquisa, além de conceitos sobre estratégias A2/AD e tecnologias emergentes.

Posteriormente, no capítulo 3, foram estudadas publicações doutrinárias do JCS, do DoD, do DoN, da USN e do USMC, a fim de identificar conceitos de emprego de Fuzileiros

Navais, em operações anfíbias e expedicionárias, suas características e os períodos em que se desenvolveram.

As evidências coletadas revelaram a existência de três períodos distintos na percepção de ameaças no nível político-estratégico: de 1991 a 2000, marcado pela transição de uma ameaça global para ameaças regionais e fenômenos transnacionais, com destaque para o terrorismo; de 2001 a 2014, com o terrorismo dominando a agenda de defesa nacional; e, a partir de 2015, quando os EUA passam a considerar a China como sua principal ameaça, devido às capacidades tecnológicas chinesas e sua estratégia A2/AD.

Quanto à evolução dos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais dos EUA, esta também foi dividida nos mesmos três períodos: de 1991 a 2000, com a introdução dos conceitos de OMFTS, *Seabasing* e STOM; de 2001 a 2014, de notável imobilismo doutrinário, com a inclusão da capacidade de cooperação de segurança no MAGTF (SC-MAGTF); e, a partir de 2015, com a introdução dos novos conceitos EABO, *Stand-in Forces*, MLR, LCT, LOCE e DMO, além da acentuação da proximidade entre o USMC e a USN.

A partir da confrontação das evidências, realizada no capítulo 4, foi possível responder à questão de pesquisa. Assim, identificou-se que, em sua maioria, as transformações nos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais dos EUA em operações anfíbias e expedicionárias, no período entre 1991 e 2023, ocorreram com baixa aderência à natureza das ameaças percebidas no nível político-estratégico, em cada um dos três momentos analisados.

Exceção se faz ao último período considerado, a partir de 2015, quando são introduzidos os conceitos de EABO, *Stand-in Forces*, MLR, CLT, LOCE e DMO, todos alinhados ao desafio da estratégia A2/AD chinesa, tida como a principal ameaça.

Em resposta à primeira questão de apoio, constatou-se que as alterações nos conceitos de emprego ocorreram após as mudanças na percepção das ameaças. Em cada um dos três períodos examinados, as inovações conceituais introduzidas eram mais apropriadas aos desafios do período anterior do que às ameaças do momento corrente. Novamente, a exceção é o terceiro período, pois, a partir de 2015, os novos conceitos são pertinentes às ameaças percebidas.

Quanto à segunda questão de apoio, verificou-se que a atualização dos conceitos de emprego de Fuzileiros Navais foi reativa em relação ao desenvolvimento tecnológico. Nos casos alcançados por esta pesquisa, as atualizações nos conceitos e na organização das forças ocorreram em resposta a um recurso tecnológico que já estava disponível.

A partir das respostas às questões de pesquisa, observou-se que, nos três períodos estudados, os Fuzileiros Navais dos EUA estiveram frequentemente atrasados em relação à RMA em andamento. Mesmo possuindo superioridade tecnológica frente aos seus adversários, a atualização dos conceitos de emprego e da organização dos Fuzileiros Navais demorou a incorporar tecnologias emergentes.

A relevância das conclusões desta pesquisa reside no apontamento da necessidade de contínuo desenvolvimento doutrinário para alcançar e manter vantagem diante de ameaças. Esse dinamismo é particularmente importante em um ambiente operacional onde inovações tecnológicas com potencial disruptivo surgem constantemente, intensificando a competição entre os atores envolvidos.

Por outro lado, o notório conservadorismo do USMC proporcionou a preservação de capacidades tradicionais, sem prejuízo das demandas emergentes. Nesse contexto, observa-se que a dedicação do USMC à sua doutrina intrinsecamente anfíbia lhe proporcionou a flexibilidade e a versatilidade necessárias para se adaptar a distintas ameaças, sobretudo aquelas identificadas a partir de 2015.

Ainda assim, os resultados apresentados podem ser explorados em maior profundidade. Portanto, para pesquisas futuras, recomenda-se investigar as metodologias de avaliação de ameaças no nível político-estratégico ou optar por um objeto de estudo similar ao desta pesquisa, porém em um recorte temporal anterior.

Por fim, as conclusões obtidas reforçam, para a Marinha do Brasil – em especial para seu Corpo de Fuzileiros Navais –, a relevância de preservar capacidades tradicionais, mesmo diante de ameaças emergentes. Destacam também que a mera disponibilidade de recursos tecnológicos, desacompanhada de uma evolução organizacional e dos conceitos de emprego da Força, não assegura vantagem competitiva.

## REFERÊNCIAS

ADAMSKY, D. P. Through the Looking Glass: The Soviet Military-Technical Revolution and the American Revolution in Military Affairs. *Journal of Strategic Studies*, Londres, v. 31, n. 2, p. 257-294, 27 mar. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01402390801940443>>. Acesso em: 1 maio 2023.

ARMY WAR COLLEGE. National Military Strategy (NSM). *Army War College*, 2023. Disponível em: <<https://ssl.armywarcollege.edu/dde/documents/jsps/terms/nms.cfm>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

AUSTIN, J. *National Defense Strategy of the United States of America*. Washington: Department of Defense of the United States of America, 2022. Disponível em: <<https://media.defense.gov/2022/Oct/27/2003103845/-1/-1/1/2022-NATIONAL-DEFENSE-STRATEGY-NPR-MDR.PDF>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BANG, M.; LIWÅNG, H. Influences on threat assessment in a military context. *Defense and Security Analysis*, [s.l.], v. 32, n. 3, p. 264-277, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0951832011002584?via%3Dihub>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BEDAR, S. *The revolution in military affairs and the "capabilities race"*. In: DISARMAMENT FORUM: (R)EVOLUTION IN MILITARY AFFAIRS. Genebra: UNIDIR, 2001. p. 27-34. Disponível em: <<https://unidir.org/publication/disarmament-forum-revolution-military-affairs>>. Acesso em: 2 maio 2023.

BERGER, D. H. *38th Commandant of the Marine Corps: Commandant's Planning Guidance*. Washington: USMC, 2019a. Disponível em: <[https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance\\_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700](https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700)>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. *Commandant's Planning Guidance: 38th Commandant of the Marine Corps*. Washington: Headquarters Marine Corps, 2019b. 23 p. Disponível em: <[https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance\\_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700](https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700)>. Acesso em: 10 maio 2023.

\_\_\_\_\_. *Force Design 2030*. Washington: USMC, 2020a. Disponível em: <<https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/CMC38%20Force%20Design%202030%20Report%20Phase%20I%20and%20II.pdf?ver=2020-03-26-121328-460>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2022 Annual Update. Washington: USMC, 2022. Disponível em: [https://www.marines.mil/Portals/1/Docs/Force\\_Design\\_2030\\_Annual\\_Update\\_May\\_2022.pdf](https://www.marines.mil/Portals/1/Docs/Force_Design_2030_Annual_Update_May_2022.pdf). Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. The Case for Change: Meeting the principal challenges facing the Corps. *Marine Corps Gazette*, Quantico, p. 8-12, jun. 2020b. Disponível em: <https://mca-marines.org/wp-content/uploads/The-Case-for-Change.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BIDEN JR., J. R. *Interim National Security Strategic Guidance*. Washington: The White House, 2021. Disponível em: <https://nssarchive.us>. Acesso em: 27 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. *National Security Strategy*. Washington: The White House, 2022. Disponível em: <https://nssarchive.us>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas*. Brasília: Ministério da Defesa, 2015. Disponível em: <[https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35\\_G01.pdf](https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Política Nacional de Defesa*. Brasília: Ministério da Defesa, 2020. Disponível em: <[https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado\\_e\\_defesa/pnd\\_end\\_congresso\\_.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado_e_defesa/pnd_end_congresso_.pdf)>. Acesso em: 7 maio 2023.

BUSH, G. H. W. *National Security Strategy of the United States of America*. Washington: The White House, 1991. Disponível em: <<https://nssarchive.us>>. Acesso em: 29 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Washington: The White House, 2002. Disponível em: <<https://nssarchive.us>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CHINA. State Council Information Office. China's Military Strategy. *Information Office of the State Council*, 2015. Disponível em: <<http://eng.mod.gov.cn/xb/Publications/WhitePapers/4887928.html>>. Acesso em: 7 maio 2023.

CHRISTENSEN, C. M. *The Innovator's Dilemma: When New Technologies Cause Great Firms to Fail*. Boston: Harvard Business School Press, 1997.

CLARK, V.; HAGEE, M. W. *Naval Operating Concept for Joint Operations*. Washington: U.S. Navy; U.S. Marine Corps, 2003. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA524820>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CLINTON, W. J. *National Security Strategy of Engagement and Enlargement*. Washington: The White House, 1994. 29 p. Disponível em: <<https://nssarchive.us>. Acesso em: 24 jun. 2023>.

CONWAY, J. T. 34th Commandant of the Marine Corps: Commandant's Planning Guidance. *Marine Corps Gazette*, Quantico, v. 91, n. 1, p. 12A, jan. 2007. Disponível em: <<https://mca-marines.org/wp-content/uploads/2007-Jan-34TH-COMMANDANT-OF-THE-MARINE-CORPS-Commandants-Planning-Guidance.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. *Statement of General James T. Conway, Commandant of the U.S. Marine Corps...* Washington: House of Representatives, Committee on Armed Services, 2010. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=atIIAQAAAMAJ&pg=GBS.PP4>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

COOPER, J. R. *Another View of the Revolution in Military Affairs*. U.S. Army War College Fifth Annual Strategy Conference. Carlisle Barracks: Strategic Studies Institute, 1994, p. 39. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/resrep11898>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

COSTA, R. P. The Revolution in Military Affairs in the Scope of Military Education. *Geopolitics, History, and International Relations*, Nova Iorque, v. 6, n. 2, p. 70-84, 2014. Disponível em: <<https://www.gov.br/esg/pt-br/composicao/estudos-estrategicos/TheRevolutioninMilitaryAffairsintheScopeofMilitaryEducation.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2023.

CUOCO, C. A. The Revolution in Military Affairs: Theoretical Utility and Historical Evidence. *Research Institute for European and American Studies*, Atenas, n. 142, p. 103, abr. 2010. Disponível em: <<https://rieas.gr/images/rieas142b.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2023.

DEMPSEY, M. E. *National Military Strategy of the United States of America: The United States Military's Contribution to National Security*. Washington: Joint Chiefs of Staff, 2015. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-military-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FITZSIMONDS, J. R.; VAN TOL, J. M. Revolutions in Military Affairs. *Joint Force Quarterly*, Washington, n. 4, p. 24-31, maio 1994. Disponível em: <<https://ndupress.ndu.edu/portals/68/Documents/jfq/jfq-4.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FRIEDMAN, B. A. (Ed.). *21st century Ellis: operational art and strategic prophecy for the modern era*. Annapolis: Naval Institute Press, 2015.

FRÜHLING, S.; LASCONJARIAS, G. NATO, A2/AD and the Kaliningrad Challenge. *Survival*, v. 58, n. 2, p. 95-116, 18 mar. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00396338.2016.1161906>>. Acesso em: 7 maio 2023.

GATES, R. M. *National Defense Strategy*. Washington: Department of Defense of the United States of America, 2008. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-defense-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

GEORGE W. BUSH PRESIDENTIAL LIBRARY. Global War on Terror. *George W. Bush Presidential Library*, 11 out. 2001. Disponível em: <<https://www.georgewbushlibrary.gov/research/topic-guides/global-war-terror>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

GONGORA, T.; VON RIEKHOFF, H. Introduction: Sizing Up the Revolution in Military Affairs. In: GONGORA, T.; VON RIEKHOFF, H. *Toward a Revolution in Military Affairs?* Defense and Security at the Dawn of the Twenty-First Century. Westport: Greenwood, 2000. p. 21-36.

GRAY, C. S. *Strategy for Chaos - Revolutions in Military Affairs and The Evidence of History*. Portland: Frank Cass, 2002. ISBN 0-7146-5186-9.

GUPTA, S. And the war is led by the mouse. *The Indian Express: Journalism of Courage*, 18 nov. 1998. Disponível em: <<https://indianexpress.com/article/news-archive/and-the-war-is-led-by-the-mouse/>>. Acesso em: 12 maio 2023.

HAGEE, W. *33rd Commandant of the Marine Corps Updated Guidance: The 21st Century Marine Corps – Creating Stability in an unstable world*. Washington: U.S. Marine Corps, 2005. Disponível em: <[http://proceedings.ndia.org/warfare\\_division/References/ALMAR018.pdf](http://proceedings.ndia.org/warfare_division/References/ALMAR018.pdf)>. Acesso em 1 jul. 2023.

HM GOVERNMENT. *Global Britain in a competitive age: The Integrated Review of Security, Defence, Development and Foreign Policy*. Londres: Open Government Licence, 2021. ISBN 978-1-5286-2453-4. Disponível em: <<https://www.gov.uk/official-documents>>. Acesso em: 6 maio 2023.

HORNUNG, J. W. *et al.* Preparing Japan's Multi-Domain Defense Force for the Future Battlespace Using Emerging Technologies. *Perspective*, jul. 2021. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1143830.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

HUGHES JR., W. P.; GIRRIER, R. P. *Fleet Tactics and Naval Operations*. 3. ed. Annapolis: Naval Institute Press, 2018. 370 p.

ILKE, F.; WOHLSTETTER, A. *Discriminate Deterrence: Report of the Commission on Integrated Long-Term Strategy*. Washington: Department of Defense, p. 72, 1988. Disponível em: <<https://ntrl.ntis.gov/NTRL/dashboard/searchResults/titleDetail/PB89219307.xhtml>>. Acesso em: 28 maio 2023.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES. Hypersonic weapons and strategic stability. *Strategic Comments*, Londres, v. 26, n. 1, p. x-xii, 6 mar. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13567888.2020.1739872>>. Acesso em: 7 maio 2023.

JAMISON, Matthew. Countering China's Counter-Intervention Strategy. *The Strategy Bridge*, 11 ago. 2020. Disponível em: <<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2020/8/11/countering-chinas-counter-intervention-strategy>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

JOINT CHIEFS OF STAFF. *Amphibious Operations*. Washington: JCS, 2014. Disponível em: <https://defenseinnovationmarketplace.dtic.mil/wp-content/uploads/2018/02/JointDoctrineAmphibiousOperations.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Washington: JCS, 2009. Disponível em: <[https://www.bits.de/NRANEU/others/jp-doctrine/jp3\\_02%2809%29.pdf](https://www.bits.de/NRANEU/others/jp-doctrine/jp3_02%2809%29.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. *Joint Doctrine for Landing Force Operations*. Washington: JCS, 1989. Disponível em: <[https://man.fas.org/dod-101/sys/ship/docs/jp3\\_02\\_1.pdf](https://man.fas.org/dod-101/sys/ship/docs/jp3_02_1.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. *Joint Planning*. Washington: JCS, 2020. Disponível em: <[https://irp.fas.org/doddir/dod/jp5\\_0.pdf](https://irp.fas.org/doddir/dod/jp5_0.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2023.

JOSHI, A. A holistic view of the revolution in military affairs (RMA). *Strategic Analysis*, Londres, v. 22, n. 11, p. 1743-1759, 15 jul. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09700169908458917>>. Acesso em: 12 maio 2023.

KREPINEVICH, A. F. Cavalry to Computer: The Pattern of Military Revolutions. *The National Interest*, n. 37, p. 30-42, 1 set. 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/42896863>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

KRULAK, C. C. 31st Commandant of the Marine Corps: Commandant's Planning Guidance. *Marine Corps Gazette*, Washington, v. 79, n. 8, 1995. Disponível em: <<https://mca-marines.org/wp-content/uploads/1995-Aug-Commandants-planning-guidance-CPG.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. Operational Maneuver from the Sea. *Proceedings*, Annapolis, v. 123, n. 1, jan. 1997. Disponível em: <<https://www.usni.org/magazines/proceedings/1997/january/operational-maneuver-sea>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

KUMMER, D. W. (Ed.). *U.S. Marines in Afghanistan, 2001-2009: Anthology and Annotated Bibliography*. Quantico: History Division Marine Corps University, 2014.

LAMBETH, B. S. The technology revolution in air warfare. *Survival: Global Politics and Strategy*, Londres, v. 39, n. 1, p. 65-83, 03 mar. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00396339708442897>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

LIWÅNG, H.; ERICSON, M.; BANG, M. An Examination of the Implementation of Risk-Based Approaches in Military Operations. *Journal of Military Studies*, v. 5, n. 2, p. 38-64, 1 dez. 2014. Disponível em: <<https://sciendo.com/article/10.1515/jms-2016-0189>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MARTYANOV, A. *The (Real) Revolution in Military Affairs*. Atlanta: Clarity Press, 2019. 219 p. ISBN: 978-1-949762-07-5.

MATTIS, J. N. *Summary of the National Defense Strategy of the United States of America*. Washington: Department of Defense of the United States of America, 2018. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-defense-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

METZ, S.; KIEVIT, J. *The Revolution in Military Affairs and Conflict Short of War*. Carlisle: USAWC Press, 1994. Disponível em: <<https://press.armywarcollege.edu/monographs/894>>. Acesso em: 7 maio 2023.

MISSILE DEFENSE PROJECT. DF-21 (CSS-5). *Missile Threat*, 28 mar. 2022. Disponível em: <<https://missilethreat.csis.org/missile/df-21/>>. Acesso em: 7 maio 2023.

\_\_\_\_\_. DF-26. *Missile Threat*, 6 ago. 2021. Disponível em: <<https://missilethreat.csis.org/missile/dong-feng-26-df-26/>>. Acesso em: 7 maio 2023.

NOFI, A. A. *Recent Trends in Thinking about Warfare*. Alexandria: Center for Naval Analyses, 2006. 106 p. Disponível em: <[https://www.cna.org/archive/CNA\\_Files/pdf/d0014875.a1.pdf](https://www.cna.org/archive/CNA_Files/pdf/d0014875.a1.pdf)>. Acesso em: 6 maio 2023.

NYE JR., J. S.; OWENS, A. America's Information Edge. *Foreign Affairs*, Nova Iorque, v. 75, n. 2, p. 20-36, 1 mar. 1996. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1996-03-01/americas-information-edge>>. Acesso em: 2 maio 2023.

OBAMA, B. H. *National Security Strategy*. Washington: The White House, 2015. Disponível em: <<https://nssarchive.us>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

OKEEFE, S.; KELSO II, F. B.; MUNDY JR., C. E. *From the Sea: Preparing the Naval Service for the 21st Century*. Washington: U.S. Department of the Navy, 1992. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?view&did=484786>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

OTAN. NATO 2030. *North Atlantic Treaty Organization*, jun. 2021. Disponível em: <<https://www.nato.int/nato2030/>>. Acesso em: 7 maio 2023.

OWENS, B.; OFFLEY, E. *Lifting the Fog of War*. Nova Iorque: The Johns Hopkins University Press, 2000. 280 p.

PANETTA, L. E. *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*. Washington: Department of Defense of the United States of America, 2012. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-defense-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

POSTMA, J. Drones over Nagorno-Karabakh: A glimpse at the future of war? *Atlantisch Perspectief*, Haia, v. 45, n. 2, p. 15-20, 2021. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/48638213>>. Acesso em: 7 maio 2023.

POWELL, C. L. *National Military Strategy of the United States*. Washington: Joint Chiefs of Staff, 1992. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-military-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

QVILLER, J.; RUSTEN, S.; LAMPTEY, K. Stand-In Forces and Integrated Deterrence. *Stratagem*, 1 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.stratagem.no/stand-in-forces/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

REAGAN, R. *National Security Strategy of the United States*. Washington: The White House, 1988. Disponível em: <<https://nssarchive.us>>. Acesso em: 28 maio 2023.

ROGERS, C. J. "Military Revolutions" and "Revolutions in Military Affairs": A Historian's Perspective. In: GONORA, T.; VON RIEKHOFF, H. *Toward a Revolution in Military Affairs? Defense and Security at the Dawn of the Twenty-First Century*. Westport: Greenwood, 2000. p. 21-35. Disponível em: <[https://www.academia.edu/13239729/\\_Military\\_Revolutions\\_and\\_Revolutions\\_in\\_Military\\_Affairs\\_A\\_Historian\\_s\\_Perspective\\_in\\_Thierry\\_Gongora\\_and\\_Harald\\_von\\_Riekhoff\\_eds\\_Toward\\_a\\_Revolution\\_in\\_Military\\_Affairs\\_Defense](https://www.academia.edu/13239729/_Military_Revolutions_and_Revolutions_in_Military_Affairs_A_Historian_s_Perspective_in_Thierry_Gongora_and_Harald_von_Riekhoff_eds_Toward_a_Revolution_in_Military_Affairs_Defense)>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ROSSITER, A. Bots on the ground: an impending UGV revolution in military affairs? *Small Wars & Insurgencies*, v. 31, n. 4, p. 851-873, 5 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09592318.2020.1743484?journalCode=fswi20>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SAALMAN, L. China's calculus on hypersonic glide. Stockholm International Peace Research Institute, *Solna*, 15 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.sipri.org/commentary/topical-background/2017/chinas-calculus-hypersonic-glide>>. Acesso em: 12 maio 2023.

SHAIKH, Shaan; RUMBAUGH, Wes. The Air and Missile War in Nagorno-Karabakh: Lessons for the Future of Strike and Defense. *Center for Strategic & International Studies*, 8 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/air-and-missile-war-nagorno-karabakh-lessons-future-strike-and-defense>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SCHLOSER, N. J. (Ed.). *U.S. Marine in Iraq, 2004-2008: Anthology and Annotated Bibliography*. Washington: History Division Marine Corps University, 2010.

SHALIKASHVILI, J. M. *National Military Strategy of the United States of America: A Strategy of Flexible and Selective Engagement*. Washington: Joint Chiefs of Staff, 1995. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-military-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Shape, Respond, Prepare Now: A Military Strategy for a New Era*. Washington: Joint Chiefs of Staff, 1997. Disponível em: <<https://nssarchive.us/national-military-strategy/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

TANGREDI, J. *Anti-Access Warfare: Countering A2/AD Strategies*. Annapolis: Naval Institute Press, 2013.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Cold War: Summary, Causes, History, Years, Timeline, & Facts. *Britannica*, 23 maio 2023a. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Cold-War>>. Acesso em: 29 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Persian Gulf War: Summary, Dates, Combatants, Casualties, Syndrome, Map & Facts. *Britannica*, 27 mar. 2023b. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Persian-Gulf-War>>. Acesso em: 29 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Stealth: military technology. *Britannica*, 18 set. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/technology/stealth>>. Acesso em: 28 maio 2023.

THOMAS, N. *et al.* What the United States Military Can Learn from the Nagorno-Karabakh War. *Small Wars Journal*, McLean, 4 abr. 2021. Disponível em: <<https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/what-united-states-military-can-learn-nagorno-karabakh-war>>. Acesso em: 7 maio 2023.

UNITED STATES. Department of Defense. *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China*. Washington: Office of the Secretary of Defense, 2022. 174 p. Disponível em: <<https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/3230516/2022-report-on-military-and-security-developments-involving-the-peoples-republi/>>. Acesso em: 7 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Joint Operational Access Concept*. Washington: U.S. Department of Defense, 2012a. Disponível em: <[https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/JOAC\\_Jan%202012\\_Signed.pdf](https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/JOAC_Jan%202012_Signed.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Seabasing: Joint Integrating Concept*. Washington: U.S. Department of Defense, 2005a. Disponível em: <<https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/concepts/seabasing.pdf?ver=2017-12-28-162032-087>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. Department of the Navy. *A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower*. Washington: U.S. Department of the Navy, 2015. Disponível em: <[https://www.globalsecurity.org/military/library/policy/navy/21st-century-seapower\\_strategy\\_201503.pdf](https://www.globalsecurity.org/military/library/policy/navy/21st-century-seapower_strategy_201503.pdf)>. Acesso em: 2 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Advanced Base Operations in Micronesia*. Washington: U.S. Marine Corps, 1992. Disponível em: <<https://www.ibiblio.org/hyperwar/USMC/ref/AdvBaseOps/index.html>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Advantage at Sea: Prevailing with Integrated All-Domain Naval Power*. Washington: U.S. Department of the Navy, 2020. Disponível em: <<https://media.defense.gov/2020/Dec/16/2002553074/-1/-1/0/TRISERVICESTRATEGY.PDF>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Littoral Operations in a Contested Environment*. Washington: U.S. Department of the Navy, 2017. Disponível em: <<https://www.hqmc.marines.mil/Portals/160/LOCE%20full%20size%20edition.pdf?ver=2018-06-20-095003-177>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Marine Corps Operations*. Washington: U.S. Marine Corps, 2019. Disponível em: <<https://www.marines.mil/Portals/1/Publications/MCDP%201-0%20w%20Ch%201-3.pdf?ver=KugfXDOHFuRQmxSmTiUJwg%3d%3d>>. Acesso em: 11 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Navy Supplement to the DOD Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington: Office of the Chief of Naval Operations, 2012b. 420 p. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA562336.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Tentative Manual for Expeditionary Advanced Base Operations*. Washington: U.S. Marine Corps, 2021a. Disponível em: <<https://mca-marines.org/wp-content/uploads/TM-EABO-First-Edition-1.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Tentative Manual for Expeditionary Advanced Base Operations*. 2. ed. Washington: U.S. Marine Corps, 2023. Disponível em: <<https://www.marines.mil/Portals/1/Docs/230509-Tentative-Manual-For-Expeditionary-Advanced-Base-Operations-2nd-Edition.pdf?ver=05KvG8wWlhI7uE0amD5uYg%3D%3D>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. United States Marine Corps. *A Concept for Stand-in Forces*. Washington: U.S. Marine Corps, 2021b. 25 p. Disponível em: <[https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Users/183/35/4535/211201\\_A%20Concept%20for%20Stand-In%20Forces.pdf?ver=EldvoO4fwl2OaJDSB5gDDA%3d%3d](https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Users/183/35/4535/211201_A%20Concept%20for%20Stand-In%20Forces.pdf?ver=EldvoO4fwl2OaJDSB5gDDA%3d%3d)>. Acesso em: 10 maio 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Expeditionary Force 21*. Washington: USMC, 2014. Disponível em: [https://defenseinnovationmarketplace.dtic.mil/wp-content/uploads/2018/02/EF21\\_Capstone\\_Concept\\_12\\_Mar\\_2014.pdf](https://defenseinnovationmarketplace.dtic.mil/wp-content/uploads/2018/02/EF21_Capstone_Concept_12_Mar_2014.pdf). Acesso em: 29 Jun 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Expeditionary Operations*. Washington: USMC, 1998. Disponível em: <<https://www.marines.mil/Portals/1/Publications/MCDP%203.pdf?ver=2019-07-18-093631-287>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Marine Corps Midrange Threat Estimate: 2005-2015*. Quantico: Marine Corps Intelligence Activity, 2005b. Disponível em: <<https://irp.fas.org/doddir/usmc/midrange-2015.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Marine Corps Operating Concepts for a Changing Security Environment*. Quantico: Marine Corps Combat Development Command, 2006. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/c/view?docid=474274>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Naval Amphibious Capability in the 21st Century: Strategic Opportunity and a Vision for Change*. Washington: Department of the Navy, 2012c. Disponível em: <[https://defenseinnovationmarketplace.dtic.mil/wp-content/uploads/2018/02/MC\\_Amphibious\\_Capabilites.pdf](https://defenseinnovationmarketplace.dtic.mil/wp-content/uploads/2018/02/MC_Amphibious_Capabilites.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Operational Maneuver from the Sea*. Washington: USMC, 1996. Disponível em: <<https://www.marines.mil/portals/1/Publications/MCCP%201%20Operational%20Maneuver%20from%20the%20Sea.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Renaming of SC-MAGTF. *Marines: The Official Website of the United States Marine Corps*, 5 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.marines.mil/News/Messages/Messages-Display/Article/888439/renaming-of-sc-magtf/>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *The Long War – Send in the Marines: A Marine Corps Operational Employment Concept To Meet An Uncertain Security Environment*. Washington: U.S. Marine Corps, 2008. Disponível em: <[https://www.marines.mil/portals/1/Publications/The%20Long%20War\\_1.pdf](https://www.marines.mil/portals/1/Publications/The%20Long%20War_1.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *U.S. Marine Corps Concepts & Programs*. Washington: USMC, 2009. Disponível em: <<https://www.hqmc.marines.mil/Portals/136/Docs/Concepts%20and%20Programs/2009/USMC%20Concepts%20and%20Programs%202009.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

WESTERMEYER, P.; BLAKER, N. (Eds.). *U.S. Marines in Afghanistan, 2010-2014: Anthology and Annotated Bibliography*. Quantico: History Division Marine Corps University, 2017.

WITTE, G. Afghanistan War: History, Combatants, Facts & Timeline. *Britannica*, 7 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Afghanistan-War>>. Acesso em: 3 Jul 2023.

YOSHIHARA, T. China's Vision of Its Seascape: The First Island Chain and Chinese Seapower. *Asian Politics & Policy*, Newport, 4, n. 3, jul. 2012. 293-314. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/toc/19430787/2012/4/3>>. Acesso em: 7 maio 2023.

ANEXO A – FIGURAS

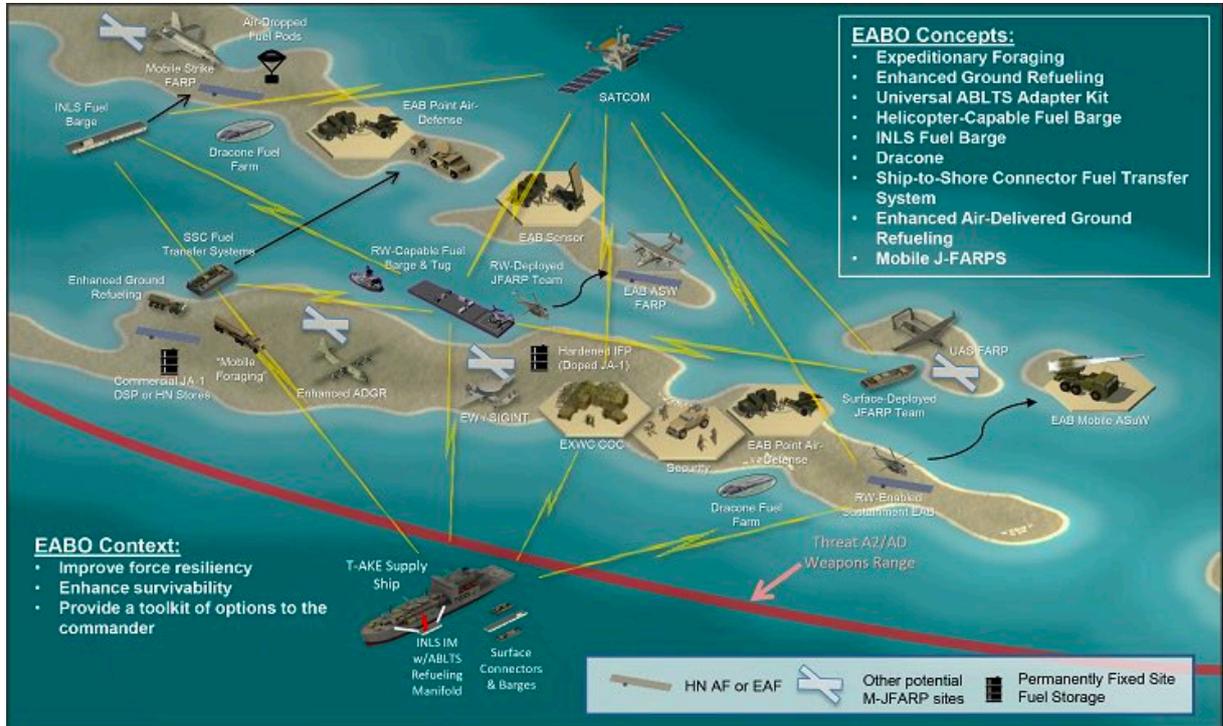


FIGURA 1 – Representação Conceitual de uma EABO  
 Fonte: QVILLER *et al.*, 2022.

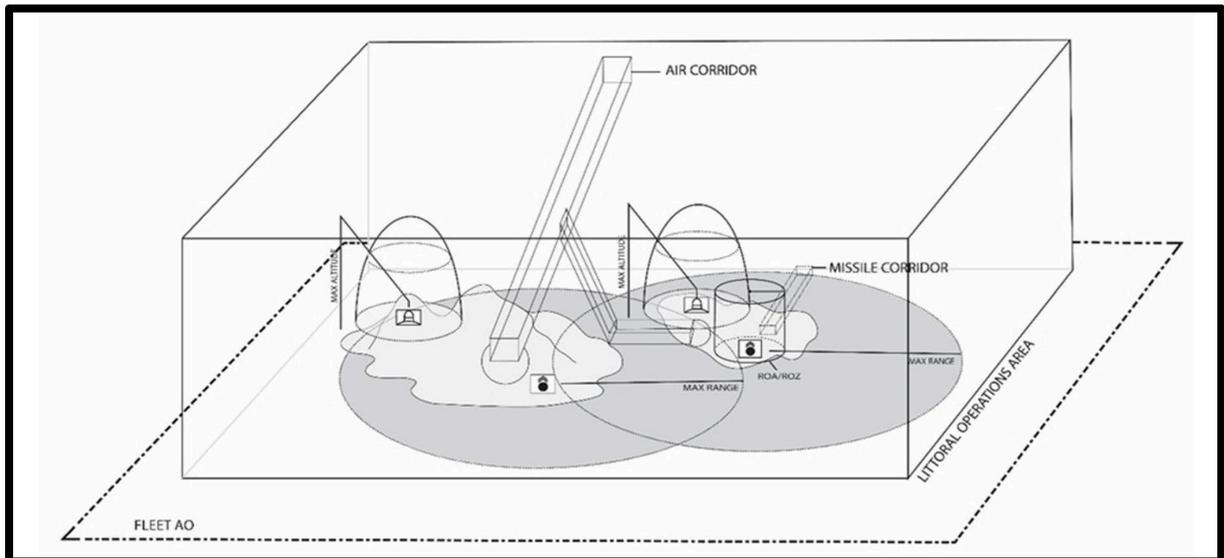


FIGURA 2 – Representação Conceitual de uma Área de Operações Litorânea  
 Fonte: UNITED STATES, 2023, p. 2-11.

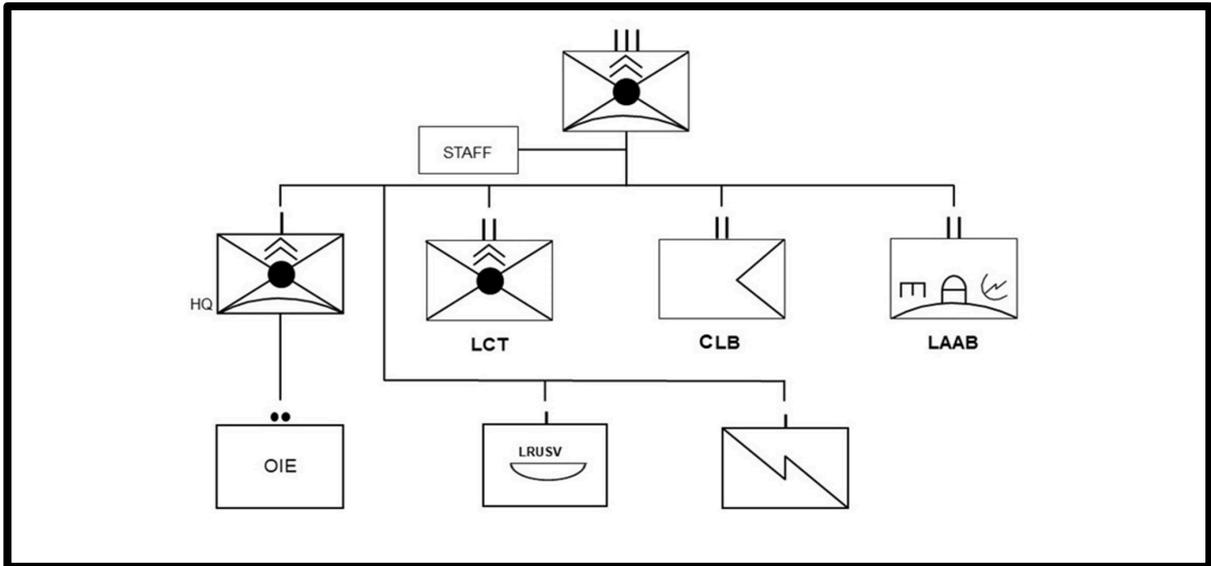


FIGURA 3 – Organização por Tarefas de um MLR  
 Fonte: UNITED STATES, 2023, p. A-1.

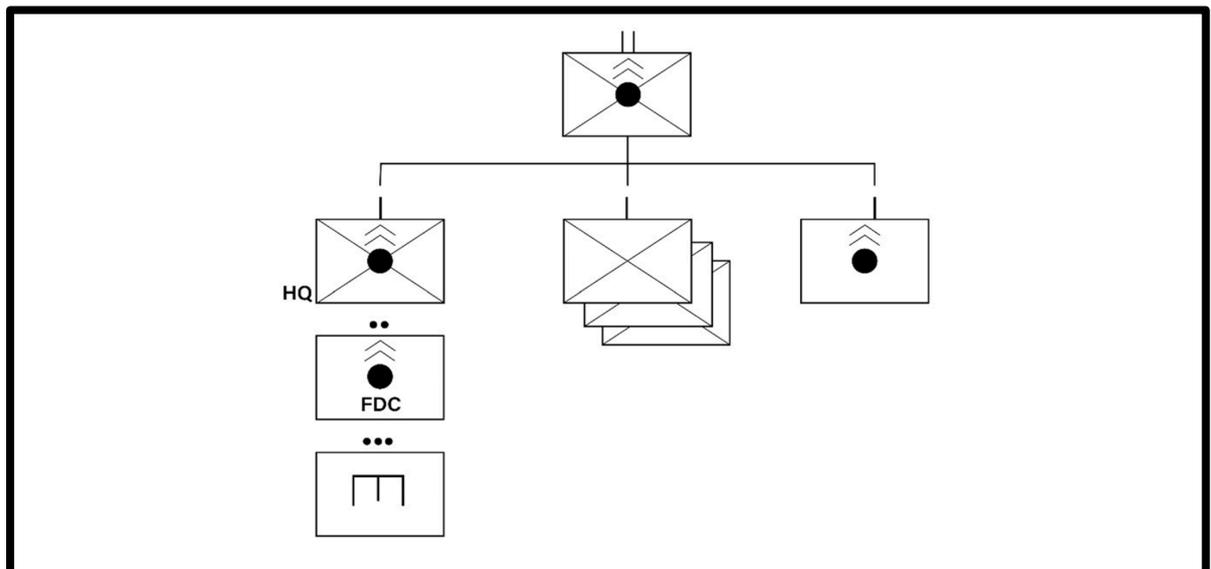


FIGURA 4 – Organização por Tarefas de um LCT  
 Fonte: UNITED STATES, 2023, p. A-2.

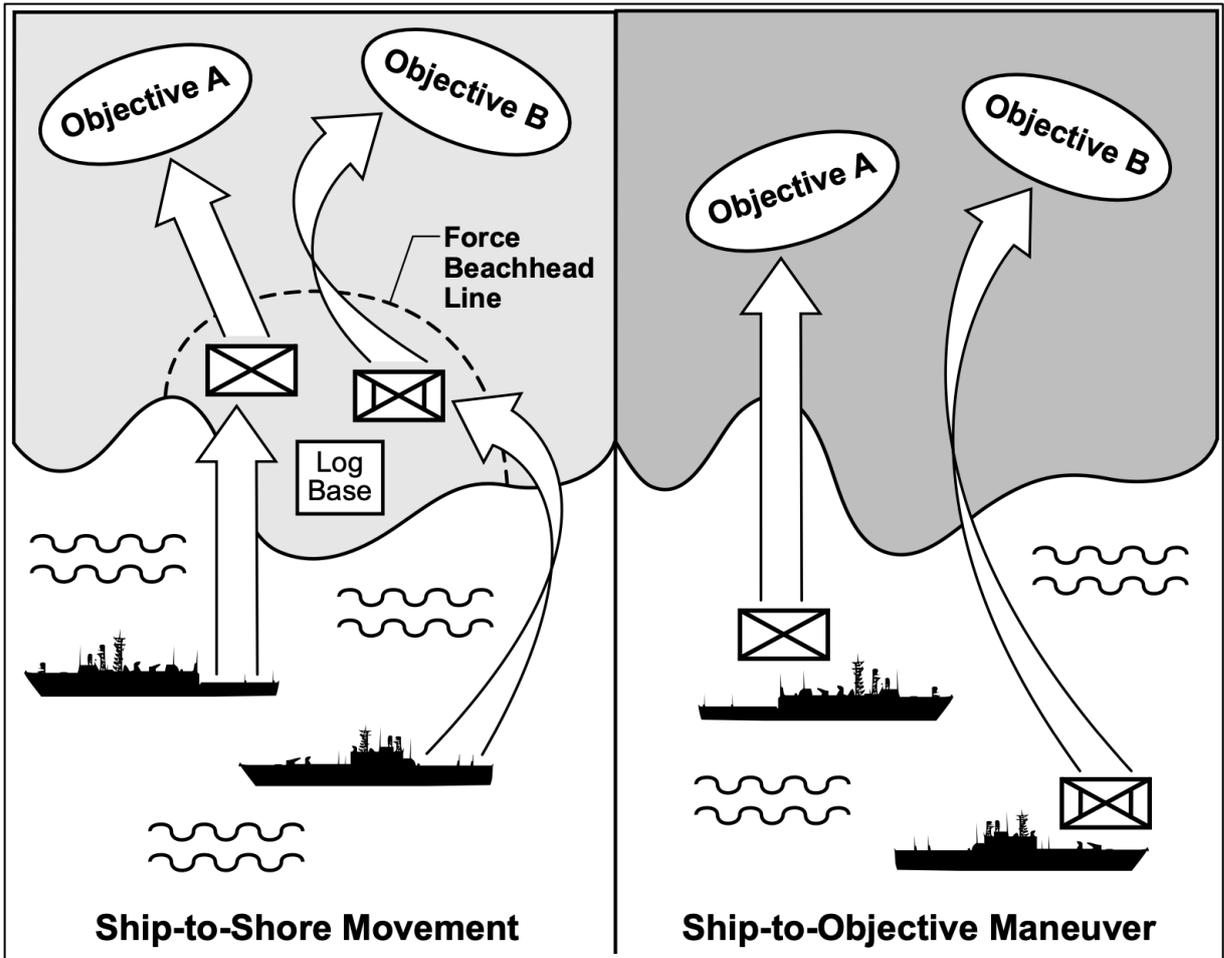


FIGURA 5 – Movimento Navio-Para-Terra e Manobra Navio-Para-Objetivo  
 Fonte: UNITED STATES, 2019, p. 2-22.

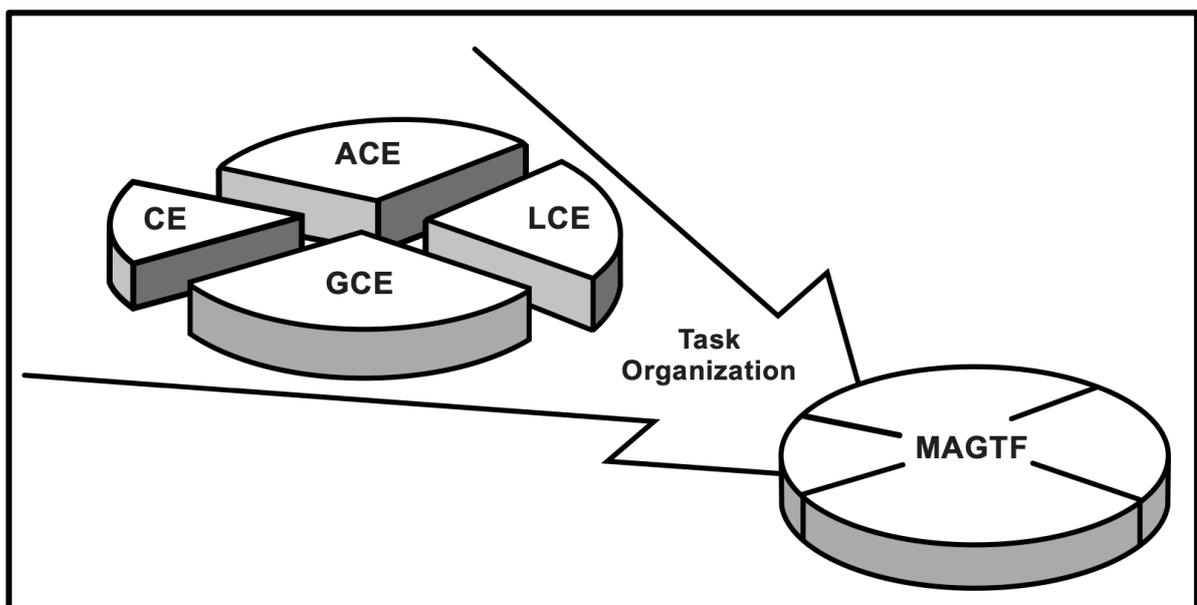


FIGURA 6 – Composição de um MAGTF

Fonte: UNITED STATES, 2019, p. 2-7.

Nota: ACE – *Aviation Combat Element* (Componente de Combate Aéreo); CE – *Command Element* (Componente de Comando); GCE – *Ground Combat Element* (Componente de Combate Terrestre); LCE – *Logistics Combat Element* (Componente de Apoio de Serviços ao Combate).

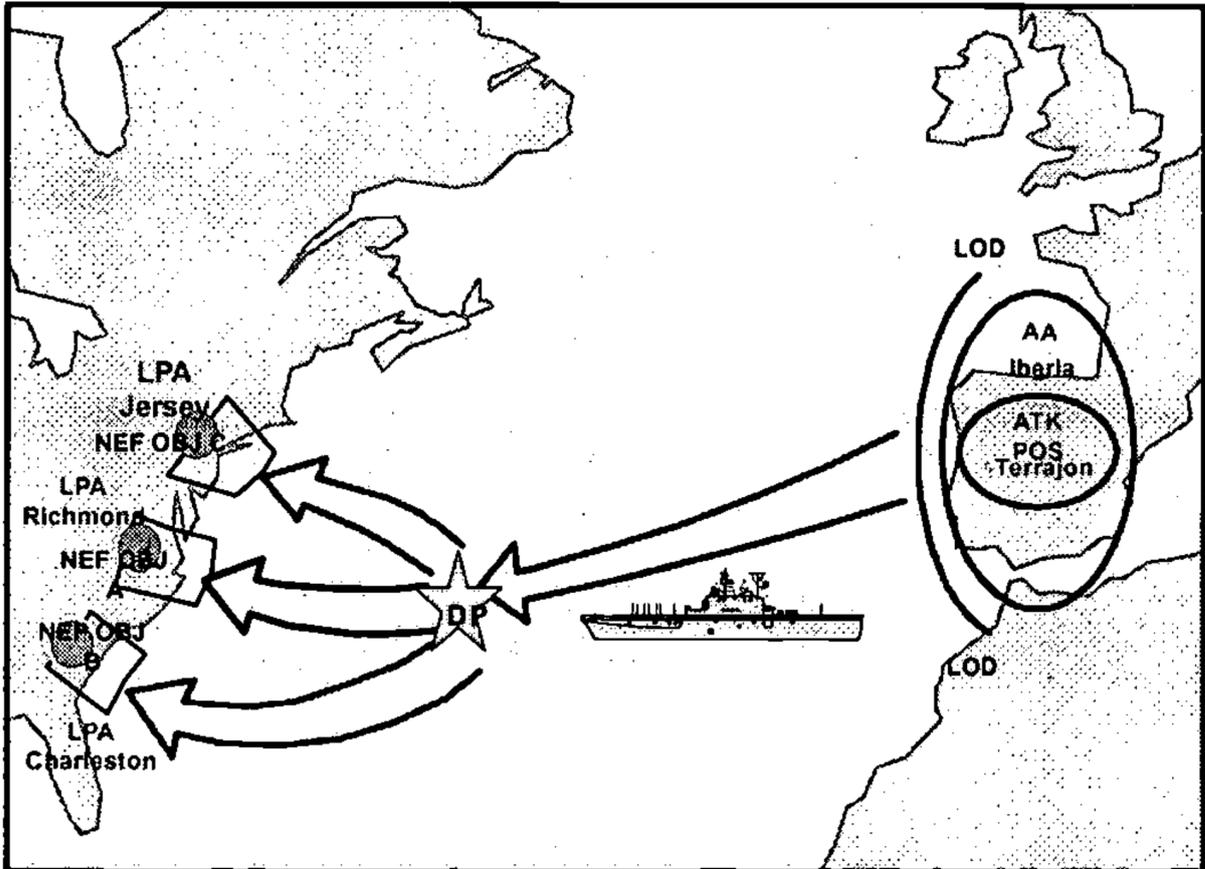


FIGURA 7 – Representação Conceitual de uma OMFTS

Fonte: UNITED STATES, 1996, p. 17.

Nota: AA – *Assembly Area* (Zona de Reunião); ATK POS – *Attack Position* (Posição de Ataque); DP – *Departure Position* (Posição de Assalto); LOD – *Line of Departure* (Linha de Partida); LPA – *Littoral Penetration Area* (Área de Penetração no Litoral); NEF – *Naval Expeditionary Force* (Força Naval Expedicionária); OBJ – *Objective* (Objetivo).